

Conrado M. J. London



ÍNDIOS DO BRASIL

NORTE DO RIO AMAZONAS

III

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS
PUBLICAÇÃO N.º 99

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

ÍNDIOS DO BRASIL

DO

Norte do Rio Amazonas

Volume III



1953

*Am
981.00498
R771i*

CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA - RIO DE JANEIRO - BRASIL

Biblioteca Arthur Reis
Registro: 1311
Data: 06.03.02.

MEMORANDUM

Podemos afirmar que a saída dos três albums sob o título "Índios do Brasil" foi aguardada com impaciência proporcional ao interesse, não só pelas Instituições, estudiosos da Etnologia e Etnografia como pelos leigos que cultivam o amor dos nossos silvícolas. A expectativa do presente tomo III se prolongou muito além do prazo inicialmente previsto pela editôra oficial que é a Imprensa Nacional, em virtude de fatores que escapavam inteiramente ao nosso contrôle e decorrentes principalmente de dificuldades aduaneiras e técnicas, procedentes muitas vezes de medidas de economia adotadas pelo Govêrno para vencer a crise que atravessa o mundo inteiro de após-guerra, e que atingiu também a nossa Pátria. De modo que a Oficina de Rotogravura se viu muitas vezes diante da impossibilidade de adquirir o material necessário, tanto o que se destinava à confecção dos clichês, como o próprio papel para impressão, tintas e até peças para consertar as máquinas.

Logo no início da impressão do tomo II sofreu a oficina mais uma queda pela perda dos seus únicos dois fotógrafos: o retocador, que se mudou para São Paulo, e logo em seguida o laborante, vitimado por uma congestão cerebral, ocorrência que então paralisou os trabalhos por completo, porque não podiam ser admitidos substitutos nas vagas abertas, por força da lei de economia que proibia novas admissões de pessoal. Louvavelmente então o montador Orlando A. Costa dedicou-se a praticar em retoques, conseguindo aperfeiçoar-se de tal forma, que pôde acumular os serviços de montador e retocador com interesse e inteligência, como, igualmente, ainda outro funcionário, Amadeu S. Almeida, de profissão ajudante-gravador, esforçou-se para aprender os delicados serviços da câmara escura fotográfica, habilitando-se assim, atualmente com boa vontade e competência ao exercício profissional em ambos os setores.

Julgamos dever de justiça assinalar nesta oportunidade nossa gratidão pelos esforços despendidos por todos os serventuários da Imprensa Nacional, com notável paciência, a fim de levar a têrmo a impressão dêste documentário da vida e dos costumes dos nossos Índios, em condições artísticas. Nêle se encontram, nas capas do livro, os desenhos do Sr. Dr. Kurt Krakauer, cujo nome ainda não apareceu, mas quem, com sua sensibilidade de artista, compreendeu tão rapidamente os nossos desejos e se desobrigou da incumbência com traços indelêveis de um verdadeiro mestre. O Sr. Carlos Alves de Sousa, no princípio, chefe da Oficina de Rotogravura, foi quem com incansável boa vontade deu as informações de "possível e "impossível" da

técnica, quando surgiram fotografias antigas, ainda da infância desta arte, com tôdas os seus defeitos. Temos de falar do Sr. Dr. Alberto Sá de Britto Pereira, Diretor da Imprensa Nacional, que se prontificou ultimamente a dar todo o seu apoio ao chefe atual da Rotogravura, Sr. Lindolfo Rocha, a fim de melhorar as instalações da oficina, pondo material melhor à sua disposição, o que permitiu ao Sr. Rocha, com sua grande capacidade de longos anos de serviço, pudesse concluir a obra ainda antes de sua aposentadoria, com ânsia esperada por êle, doente e cansado, o que o não impediu de desenvolver o maior entusiasmo para concluir a obra iniciada.

Não menos amavelmente acudiam-nos nos outros setores os Srs. Eugênio Griffini e Armando Olinto da Cruz Ferrari com prontidão e fino gôsto na distribuição e paginação, no monotipo, linotipo, etc., como também o Sr. José Beck Guimarães, chefe do Orçamento, quando se tratou de entregar um serviço à hora prometida.

Agradecemos com igual calor a todos que junto às maquinas ficaram invisíveis, para nós, mas ajudaram cada um no seu pôsto nesta obra, em que ainda as gerações futuras poderão informar-se neste documentário sôbre assuntos que com rapidez desaparecem.

C. N. P. I., Rio, 5-5-1953,
Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães.

Secretário

ÍNDIOS DO BRASIL

Sob este título começarão a ser publicadas, oficialmente, as fotografias dos nossos índios e de assuntos que lhes dizem respeito, obtidas no sertão do Brasil por vários serviços em que colaborámos e por outros cuja direção nos foi confiada, em épocas diversas, desde 1890 até o presente momento.

Do numeroso arquivo que vimos religiosamente amalhando, através de mais de meio-século de intenso trabalho, em que tão ajudado fui por uma plêiade de oficiais do Exército e pessoal civil, todos vibrantes de entusiasmo cívico pela Causa Indígena, pelo progresso de nossa Pátria e pelo bem da Humanidade — teremos oportunidade de escolher a mais expressiva documentação daquela espécie, iniciando a reprodução das fotografias que constituirão os três primeiros volumes dessa importante e valiosa coletânea:

O 1.^o volume conterá fotografias dos índios do Centro, do Noroeste e do Sul de Mato-Grosso, distribuídos pelos seguintes grupos ou tribos, relacionados em ordem alfabética:

1—ANUZÊ	13—IPOTÊUÁTE	25—QUIAPÛRE
2—ARIQUÊME	14—IRANCHE	26—RAMA-RAMA
3—ARITÍ (PARICÍ)	15—JARÚ	27—SALAMÃI
4—BORÔRO	16—MAMAINDÊ	28—TACUATÉPE
5—CABIXI	17—MASSACÁ	29—TAGNANI
6—CADIUÉO	18—NAVAITÊ	30—TAUITÊ
7—CAIUÁ	19—NENÊ	31—TERÊNA
8—CANOÊ	20—NHAMBIQUARA	32—UAIMARÉ
9—CARIPUNA	21—PARINTINTIM	33—UAMANDIRÍ
10—CAXINITÍ	22—PARNAUÁTE (TUPI	34—UMUTINA
11—COZÁRINI	23—PIRARRÃ	35—URUMI
12—GUATÓ	24—QUÊPIQUIRIUÁTE	36—URUPÁ

O 2.^o volume sera dedicado aos índios das cabeceiras do rio Xingu e dos vales dêste rio e de seu formador — o Ronuro — bem assim dos rios Araguaia e Oiapoque, aí figurando os seguintes grupos ou tribos:

Rios Xingu, Ronuro e Teles Pires (antigo Paranatinga)

- | | |
|------------------------|---------------|
| 1 — Anauquá | 6 — Meináco |
| 2 — Auêti (Tupí) | 7 — Suiá (Gê) |
| 3 — Bacairí (Caraiíba) | 8 — Trumãi |
| 4 — Cajabí | 9 — Ualapití |
| 5 — Camaiurá (Tupí) | 10 — Uaurá |

Rio Araguáia

CARAJÁ

Rio Oiapoque

- | | |
|--------------|--------------|
| 1 — Banaré | 4 — Iarupí |
| 2 — Caripuna | 5 — Oiampi |
| 3 — Galibí | 6 — Paricura |

O 3.º volume abrangerá as tribos e grupos dos vales do rio Trombetas e seu afluente Cuminá: rios Jari, Negro e Branco e seu afluente Uraricoéra a saber:

Rio Cuminá — Rio Jari

- 1 — Aparáí
- 2 — Pianacotó
- 3 — Tirió do Grupo Rangu-Piqui

Rio Uraricoéra — Rio Branco

- | | |
|--------------|---------------|
| 1 — Macú | 4 — Taurepã |
| 2 — Macuxí | 5 — Uapichana |
| 3 — Maiongom | 6 — Xirianã |

Rio Uaupés afluente do Rio Negro

- | | |
|-------------|-------------|
| 1 — Baré | 4 — Tocarío |
| 2 — Deçana | 5 — Tuiuca |
| 3 — Tariano | 6 — Uanâna |

Provém esta documentação fotográfica das comissões a que vamos referir-nos, o mais sumariamente possível.

São elas: tôdas as Comissões Construtoras de Linhas Telegráficas no Estado de Mato-Grosso, desde a primeira (1890), que ligou êste Estado à rêde geral brasileira e que teve como emérito engenheiro-chefe o então Major Gomes Carneiro, de quem nos honramos de ter sido ajudante e a quem substituímos nessa chefia, quando o grande soldado se dirigiu ao Estado do Paraná, para ali escrever uma das mais brilhantes páginas da nossa História Militar, no cêrco da Lapa, onde o herói invencível caiu morto, com as armas na mão, para só assim descansar da luta, depois de inscrever seu nome entre os dos nossos mais gloriosos generais!

Além dêste primeiro contingente com que a República beneficiou nosso Estado natal, desvanecemos-nos de haver chefiado tôdas as demais comissões que se encarregaram de estender até as principais cidades, vilas e fronteiras, a rêde telegráfica terrestre de Mato-Grosso, inclusive a última delas (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas) e de maior vulto e larga projeção em outros setores de atividade e progresso, aí compreendido o grave "Problema Indígena," que tivemos de resolver, ao penetrar nas zonas de sertão em que os nossos Índios viviam livres do contato dos civilizados, tantas vêzes prejudiciais à sua paz e à sua independência.

Ao terminarem os trabalhos desta última (1916) havíamos dotado Mato-Grosso de 4.502,502 km de linhas telegráficas, assim então distribuídas:

1.º Distrito Telegráfico —	1.283,639 km com 16 estações
2.º Distrito Telegráfico —	1.433,195 km com 14 estações
3.º Distrito Telegráfico —	1.785,668 km com 25 estações
SOMA.....	4.502,502 km com 55 estações

Concomitantemente executáramos explorações e levantamentos que ascenderam a 50.000 km, aí incluídos os de vários cursos d'água da vasta área a que Roquette Pinto emprestou a denominação de "Rondônia". Dêste total destaque propositadamente a parcela que tocou ao período de 1907 a 1909, assim discriminado:

Expedição de 1907.....	1.781 km
Expedição de 1908.....	1.653 km
Expedição de 1909.....	2.232 km
SOMA.....	5.666 km

Finalmente, apresentamos uma documentação captada pela extinta Inspeção de Fronteiras (1934/8), cuja direção nos fôra também confiada.

Pois bem, os albuns fotográficos que ora nos foi permitido publicar, graças ao apoio do Governo e à decisiva opinião de órgãos administrativos que os examinaram antes e os julgaram merecedores desta divulgação, abrangem todos êsses trabalhos, ininterruptamente, desde 1890 até 1938. Cabem aqui, a propósito, os nossos agradecimentos ao presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público (D.A.S.P.), em boa hora criado e confiado à competência do Sr. Luiz Simões Lopes, bem assim às autoridades dos Ministérios da Agricultura e da Fazenda; àquele presidente, principalmente, que, convidado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios, compareceu prontamente e decidiu empenhar seu incontestável prestígio administrativo para que se transformasse em simpática realidade a vibrante e esclarecida proposta do ilustre vice-presidente do C.N.P.I., Dr. Edgard Roquette Pinto, quem primeiro aventara tal medida, por necessária e inadiável.

Dêste exórdio que nos esforçamos em reduzir ao mínimo de palavras, se depreende que possuímos fotografias que foram batidas no meio das selvas há mais de 50 anos, isto é, ao tempo em que a arte fotográfica não havia atingido o adiantamento que hoje apresenta e que em tanto simplifica o volume e o pêso do material a isto destinado, assim como os processos de obtenção dos negativos e sua impressão em positivo, com as facilidades das ampliações, ora tão aperfeiçoadas.

Além disto, cumpre lembrar o esforço que, na maioria dos casos, representa a documentação fotográfica através dos sertões brutos. Pesados pacotes, então, de chapas de vidro que escapavam de se desfazerem em cacos, nos rudes transportes por terra ou na travessia das cachoeiras e corredeiras, onde tantas canoas, materiais e vidas preciosas ficaram para sempre sepultados, era quase por milagre que chegavam aos nossos gabinetes fotográficos nas cidades!

Ainda mais, fôra preciso numerosas vezes que os artistas-fotógrafos carregassem êles próprios os pesados e preciosíssimos negativos e outros materiais indispensáveis, imitando dedicações estóicas como aquela de um Alípio de Miranda Ribeiro, de físico frágil, mas de sublimada energia moral para suportar às próprias costas os espécimes zoológicos por êle coligidos no sertão, quando não havia mais animais de carga, nem soldados e civis disponíveis para êsse transporte de carga — absolutamente considerada secundária — no crítico momento em que as hostilidades do meio ameaçavam a própria vida dos expedicionários!

Nenhum exagêro, portanto, representa o afirmar, neste bosquejo incolor, mas expressivamente verídico, que muitas destas fotografias agora folheadas tranquilamente em ambientes civilizados e oferecidas aos estudiosos da ciência e aos concidadãos que se interessam pelas coisas essencialmente brasileiras e olham com

simpatia o "Problema do Índio", custaram muita abnegação, muito esforço patriótico, muito suor, muito cansaço e quiçá também o sangue e a vida de patrícios nossos, para que ora as pudéssemos contemplar e comentar, acomodados em compartimentos confortáveis.

Entre as tribos e grupos indígenas que figuram nestes três primeiros volumes encontram-se fotografias de Índios que há séculos experimentaram as agruras das invasões estrangeiras e das incursões violentas dos Bandeirantes — como é o caso típico dos *Arití*, descobertos em 1723 e graciosamente cognominados de *Parecis* pelos portugueses, em contradição ao nome que os próprios índios dão à sua nação: "Arití", conforme verificámos, estudando a sua língua e os seus costumes — assim como também se encontram os que provêm de tribos e grupos dos quais nenhum explorador antes de nós havia obtido sequer um instantâneo, como acontece com os *Nhambiquara*, cuja existência estava apenas vagamente assinalada, mediante referências resumidíssimas e todavia eivadas de inverdades, como as que lhes fez Karl von den Steinen nas cinco linhas impressas que transcrevemos a fls. 49 do nosso modesto trabalho: "Etnografia — Anexo n.º 5 — Publicação n.º 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas", no qual tratámos resumidamente os *Arití* e dos *Nhambiquara* (edição há muito inteiramente esgotada)

Alguns dos grupos que as fotografias documentam, foram assinalados em primeira mão pelas nossas expedições e trazidos ao nosso convívio amistoso, no sertão, por processos humanitários, subordinados ao lema que estabelecemos para exprimir as nossas disposições, como civilizados, para com os aborígenes:

"Morrer, se fôr preciso; matar, nunca!"

Estão nestas condições os *Quêpquiriuaté*; os dois grupos Tupi: *Parnauaté* e *Tacuatêpe*; os Umutina, os Pirarrã (Parintintim); os Pianacotó e Rangu-Piqui; Maiongom; Xirianã; Urumi; Ariquême; Jarú; Urupá.

Não foram isentas de perigo, como já insinuámos, as nossas incursões em território de várias Nações Brasilíndias, como vamos ligeiramente recordar, citando alguns casos concretos.

a) A Expedição ao rio Jaci-Paraná (1909) foi atacada por um grupo de índios Caritiana, do que resultou a morte de um remador e ferimentos do médico da turma e da nossa Marinha, Dr. Paulo Fernandes dos Santos, e de outro remador. De várias publicações — entre as quais citamos com prazer os livros da autoria do atual Secretário do C.N.P.I., Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães: "Impressões da Comissão Rondon" e "Pelos Sertões do Brasil" — consta minuciosamente a descrição d'êste episódio, em que índios Caritiana, confundindo o médico com um seringueiro Minervino, que os atacara, a bala, no rio Branco do Jaci-Paraná, promoveram essa represália, dirigindo-a exclusivamente contra a pequena canoa que conduzia a mira graduada para as visadas do levantamento, a luneta Lugeol e a bússola, embarcação em que viajava o Dr. Paulo. Não ofenderam em nada, quer o grande batelão da vanguarda, quer a última canoa em que iam os engenheiros-militares: o saudoso Cap. M. T. Costa Pinheiro e o então 1.º Tte. Amilcar A. Botelho de Magalhães.

b) Eu próprio e as minhas turmas de exploração de 1907 e 1908, fomos duas vêzes violentamente agredidos a flechadas, pelos altivos guerrilheiros Nhambiquara, às margens do famoso rio Juruena. Nos livros acima citados e no 1.º volume do meu Relatório Geral (Publicação n.º 1 da Com. L. T. Estr. Mato-Grosso ao Amazonas) estão descritos êstes dois episódios, dos quais, felizmente, não provieram nem ferimentos nem mortes!

c) No curso da "Expedição de 1909" tivemos de acudir apressadamente ao soldado Rozendo, flechado por Nhambiquara, atocaiado na mata da Canga, por trás do tronco secular que fêz jus ao cognome de "Pau Gigante", com que ficou conhecido entre os expedicionários.

d) Os então 1.º Tte. Nicolau Bueno Horta Barbosa — o dedicado ajudante e provecto engenheiro-militar, primaz na constância de sua colaboração nos trabalhos do sertão, o qual ainda hoje, como Tenente-Coronel da Reserva do Exército, convocado, presta serviços inestimáveis como Chefe da Inspetoria de S. Paulo e do Sul de Mato-Grosso — e Aspirante a Oficial Tito de Barros — ora oficial superior da mesma Reserva — ambos no exercício de funções concernentes à construção da linha telegráfica entre as estações de Juruena e Nhambiquaras, foram flechados pelos índios desta última denominação, em pleno peito. Fiel ao nosso lema, o Tenente Nicolau, comprimindo o ferimento donde brotava abundante, tão generoso sangue brasileiro, não consentiu de modo algum que perseguissem nem atirassem contra os selvícolas e, ao contrário, mandou empilhar presentes, destinados aos agressores, no próprio local em que êles o hostilizaram!

e) A turma exploradora do rio Ananás, cujos trabalhos foram iniciados em 1.º de março de 1915, sob a chefia do 2.º Tte. Francisco Marques de Souza, foi rudemente combatida por índios que supomos pertencer à tribo dos "Arara", que,

de surpresa, a atacaram no dia 29 de maio daquele ano, vitimando o abnegado oficial e o hábil fabricante de canoas, Tertuliano Ribeiro de Carvalho, carpinteiro e capataz da referida turma.

Bastam êstes exemplos, supomos, para comprovar a afirmativa que avançamos e a aplicação que têm tido, no domínio da prática, os métodos que — fiéis aos conselhos do grande estadista José Bonifácio de Andrada e Silva — adotamos nas nossas relações com as tribos indígenas de nossa Pátria.

Além das fotografias que interessam ao Índio e seus costumes, incluímos algumas que reproduzem aspectos notáveis dos sertões que palmilhámos, como os saltos e as cachoeiras, morros, matas, etc., bem assim, as de estações telegráficas e outras construções que ali realizámos.

Particularmente, quanto a certas tribos e grupos ameríndios, teremos ainda oportunidade de expor, ao abrir os albuns em que êles figuram, o mais sinteticamente possível, passagens que interessam a nossa atuação perante êles e referir episódios característicos, ocorridos no decorrer de providências para anular a sua aversão aos civilizados.

Conselho Nacional de Proteção aos Índios — Rio de Janeiro, 10 de março de 1944.

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

General Presidente do C. N. P. I.

III VOLUME DOS ALBUNS: INDIOS DO BRASIL

O Exm.º Sr. General Rondon, ao percorrer as fronteiras do norte do Brasil, desde a Guiana Francêsa até o extremo noroeste dos nossos lindes com a República do Peru (1927/30), esteve em permanente, amistoso e protetor contato com tôdas as tribos e grupos indígenas que ali têm o seu habitáculo. Mais particularmente visitou as suas próprias malocas ou foi visitado em seus acampamentos de inspeção pelos índios *Macuxi*, *Uapixana*, *Maiongom*, *Xirianã*, *Taurepã*, *Pianacotó* e *Tirió* do grupo Rangu-Piqui.

O atual Tte. Cel. do Exército Frederico Rondon, em sua viagem, como membro da Inspeção de Fronteiras, ainda no pôsto de Capitão, executou também, em 1932, vários trabalhos de levantamento, naquela zona, especialmente no rio Uaupés e ali se interessou igualmente pela população indígena, tendo publicado recentemente um excelente livro: "Rio Uaupés", no qual refere sua atuação patriótica e protetora junto às tribos dos *Arapaço*, *Tariano*, *Tocana*, *Pirátapúio*, *Deçana* ou *Paporimara*, *Bará*, *Micuratapúio*, *Tuiúca*, *Cobéua* (ramo dos *Uaupé*) *Uitoto*, *Carapanã* e *Macu*.

O Coronel, também do Exército e saudoso engenheiro-militar Themistocles Pais de Souza Brazil, ex-ajudante da "Comissão Rondon" e que, durante largo período chefiou a Comissão Demarcadora de Limites do Setor Oeste (Ministério das Relações Exteriores), publicou uma separata do seu relatório de 1935 — à qual, com grande elevação, anexou, a título de prefácio, uma longa carta do Exm.º Sr. General Rondon, aliás contraditando, com vasta erudição, as doutrinas do autor do opúsculo, para a solução do problema do Índio no Brasil — abordando as questões que se prendem à incorporação dos selvícolas ao meio civilizado e propondo, como medida necessária e indispensável a sistematização dos cruzamentos da raça indígena com a raça branca, vale dizer, com os civilizados, providência que seria oficialmente superentendida e devidamente incrementada.

Agindo na zona oeste do Amazonas, interessou-se o Cel. Themistocles, com grande carinho, pela vida dos nossos Índios *Bará*, *Tuiúca*, *Cobéua*, *Tariana*, *De-*

çana, *Tocana* e *Uanána* — todos os quais relembram, com saudade, o desinteressado e real amparo que então receberam de tão humanitário intelectual.

Vamos passar em revista as observações e apontamentos de cada um dêstes exploradores, a respeito das tribos e grupos selvícolas a que cada um se refere e dos quais ora são exibidas várias fotografias.

Entre estas figuram algumas dos índios *Aparaí* ou *Apalaí*, como alhures temos ouvido, oferecidas à "Comissão Rondon" pelo Sr. Dr. Schulz-Kampffhenkel, Cand. Phil., chefe da Expedição ao Amazonas de 1935. Este explorador estrangeiro, colheu, nessa tribo, informações que parecem confirmar o fato, que alegou, de terem vindo os antepassados dos *Aparaí*, de terras longínquas, para se estabelecerem no rio Jari, afluente do Amazonas pela margem esquerda e que corre em território do Estado do Pará.

Em fins de 1927, o General Rondon confabulou com os tuxáuas de vários "clãs" de índios *Macuxi*, cujo direito de viver no Brasil, Pátria a que se ufanavam de pertencer, foi por S. Ex.^a assegurado, mesmo contra o arbítrio de certas autoridades do interior que exercem os seus mandatos com despotismo e sem contrôlê das autoridades superiores, quer estaduais, quer federais. E escreveu no seu relatório de inspeção daquele ano:

"Que diferença entre os ingleses da Guiana e os brasileiros da fronteira! Aqueles, procuram atrair para o seu território todos os índios da região; êstes, escorraçam os seus patrícios, obrigando-os a expatriarem-se!

"... Coisa interessante: Esses índios têm a pécha de ladrões no Brasil e passam para a Guiana, onde são bem recebidos pelos ingleses, que os consideram homens de bem."

— Um dos tuxáuas afirmou ao General que os *Macuxi* constituíam outrora uma grande nação, que compreendia as tribos *Macuxi*, *Jaricuna*, *Maiangom*, *Camarcotó*, *Angaricá*, *Riã* e *Paráuiana*; e que, esta última, é que tinha por costume colocar os seus mortos dentro de grandes urnas; como as que o mesmo explorador encontrou na Ponta da Serra — ao atingir o alto do igarapé Maruaí, no percurso que fez, por terra, da fazenda nacional de S. Marcos (rio Branco) ao monte Roroimã (*Roro-imã* = *Verde-monte*) — e fez transportar desse longínquo sertão para o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Na língua dos *Macuxi*, a expressão — *Paráuiana* — significa: *corredor, veloz*. o que confirma a lenda que entre aqueles é corrente, da qual se deduz que êstes “*corriam mais que o próprio veado campeiro, cuja caça faziam a pé (!)*”

Partindo da margem direita do rio Branco, por terra, dirigiu-se Rondon, depois, para o rio Uraricoéra, visitando neste trajeto a aldeia da Anta, governada pelo tuxáua Lobato, dos *Uapixana*. Daí estavam ausentes, no momento, todos os homens, motivo pelo qual as índias receberam os expedicionários com a cara amarrada. Todavia, ofereceram beijús de milho e banana, considerados succulentas refeição pelos visitantes e que lhes permitiu prosseguirem a viagem, sem outro alimento, até o pouso. Além das habituais plantações, chamou a atenção a variedade de pimentas de que se alimentam. “*Entre estas piperáceas viam-se malaguetas, chumbinho e póca*”.

Subindo-se o Uraricoéra, afluente da margem direita do rio Branco (afl. por sua vez do rio Negro, que o é do magestoso Amazonas), encontram-se primeiro as *malocas* dos *Xirianã*, que o Tte. Cel. Frederico Rondon afirma serem também (conhecidos por *Siriano*), depois as dos *Macu* e por último as dos *Maiongom*.

A notícia da viagem do mais assíduo e mais eficaz protetor dos Índios, espalhou-se rapidamente por aquelas cercanias, a ponto de às vezes se reunirem nos bivaques do Inspetor de Fronteiras, em visita de cortezia, para mais de 200 selvícolas, de diversas tribos — o que constituia sério problema para alimentá-los!

Todavia, quando o General alcançou a aldeia Barata, “*patriarcado uapixana do tuxáua Paricá*”, êste, que se fardou para receber os expedicionários, não veio ao encontro dêles, mas, “*como legítimo chefe indígena, não saiu de seu trono: esperou que lá o fossem cumprimentar!*”.

Reproduzia assim o gesto altivo do grande cacique Piragibe, o notável amerraba “*que se negara a esperar Zorobabé no caminho, por não ser êste uma dama, nem vir dar-lhe guerra*”....

No momento achavam-se em numerosos grupos, homens, mulheres e crianças, num total de 500 indivíduos, todos obedientes ao cacique Paricá, que acumula as funções também de pagé.

Acampou o General à margem do Uraricoéra, em um pôrto próximo à ilha Maracá e ao canal do mesmo nome, onde amerrissara o hidro-avião do explorador Rice (Alex. Hamilton-), em 1925. Foi aí visitado por uma delegação dos *Macuxi*, chefiados pelo tuxáua Jesuino, aliado e amigo dos *Maiongom*, com os quais fizera excursões através da serra Pacaráimã, onde viviam os inimigos desta tribo: os *Guaraivo*.

Contou Jesuino, com tôdas as minudências, que numa dessas excursões vararam do Uraricoéra para o Meruari, em território venezuelano: Para isto, haviam subido em ubá pelo Uraricoéra, até a foz do igarapé Coatu, penetrando por êste acima, durante sete dias, no trecho navegável por canoa; saltaram pela margem direita e meteram-se por um trilho batido daqueles índios, arrastando com êles a sua ubá, durante um dia inteiro; subiram pela encosta brasileira às cumíadas da serra Pacaráimã e, descambando para a vertente oposta, em terra venezuelana, incidiram num outro igarapé em que lançaram a tosca embarcação, ao sabor da corrente, para, dois dias depois, desembocarem no Meruari (ou Mereuari), onde existe, bem no pontal, uma taba de índios *Maiongom*.

Pelo mesmo tuxáua Jesuino soube o General que as habitações construídas pelos *Maiongom* devem ser semelhantes às dos Nhambiquara e dos Quêpi-quiri-uáte, com a cobertura terminada em ponta e sustentada por um só esteio central.

— Viajando o General Rondon pelo rio Cuminá e seu formador oriental o rio Paru, foi amistosamente recebido sempre pelos índios Rangu-Piqui.

Numa aldeia (Ocoimã) dos índios Tirió, ocorreu curioso episódio, quando o General, dirigindo-se ao cacique Uaianã, aí em visita e pertencente à tribo *Caianã*, que habita às margens do rio Parumã, na Guiana Francêsa, chamou-o de *capitão*, contra cuja designação se insurgiu o índio, retrucando-lhe em francês:

— “*Moi, Colonel; pas capitaine!*” o que levou o sertanista brasileiro a entabular com êle uma conversação... em língua diplomática! Nêste 3.º volume de albuns figura a fotografia do *Colonel* Uaianã e de sua jovem espôsa. Quer pelo Paru-Oeste, cujas cabeceiras, na serra de Tumucumaque, contravertem com as do rio Paloemeu (afl. do Tapanahoni e êste do Maroni); quer pelo Marepi, formador ocidental do Cuminá e cujas cabeceiras fluem da serra de Acaraí, contravertendo com as do Courentine — é simples compreender a facilidade destas comunicações entre os Pianacotó e os Tirió, duma parte, e os índios da fronteira francêsa, doutra parte.

Quando ainda em S. Marcos, ouviu o General, dos *Taurepã*, declarações que concordavam com as dos *Macuxi*, quanto à primitiva grande nação dêste nome, da qual aqueles faziam parte, assim como, quanto aos seus irmãos *Paráuiana*, que “aparecem na literatura sôb a denominação de *Paravilhano*, segundo os portugueses e aos quais é atribuído o assalto à Expedição de Izidoro Rondon, em 1773, no seu acampamento do pontal do rio Pirará, quando da primeira invasão espanhola dos rios Uraricoéra, Tacutu e Maú.”

Narraram ainda ali os *Taurepã* a tremenda luta que travaram os *Paráuiana* contra os *Antigáricó*, de Cuialocógué.

Tanto os *Pianacotó* que o General encontrou no Cuminá, como os *Rangu* do Paru, e ainda os *Tirió* (que aliás é um grupo dos Rangu-Piqui) da fronteira brasileira com a guiana holandêsa, são todos originários da grande família primitiva dos CARAÍBA OU CARIBE.

Vem a pêlo assinalar que desta viagem do General ao vale do Trombetas e seu afluente Cuminá é que provieram dados positivos sôbre a riqueza arqueológica dessa zona, donde resultou a indicação que fez do etnógrafo da "Comissão Rondon", J. Barbosa de Faria, para proceder a estudos que, infelizmente, foram suspensos em fins de 1930, ao ser extinta a citada Comissão, não sem deixar brilhantemente autenticada sua atuação erudita, como bem documenta a Publicação n.º 89, ora em impressão (*): "A cerâmica da tribo Uaboí, dos rios Trombetas e Jamundá" — Contribuição para o estudo da arqueologia pré-histórica do baixo-Amazonas."

*

Dando conta de sua viagem pelo rio Uaupés, encontramos no livro do Tte.-Cel. F. Rondon os seguintes tópicos, que contêm matéria digna de reflexão:

"... Vinte e cinco anos após as negociações de limites com a Colômbia, vamos, porém, encontrar, naquela zona fronteiriça, uma população genuinamente brasileira, vibrante de amor à terra, exacerbada em seu patriotismo, submetida à humilhação cívica de se tornar estrangeira, sem ter saído de seu torrão natal.

"E' que, cedendo, no Papuri, tôda a margem esquerda e a direita a oeste do meridiano 70°2'37" de Greenwich, lançámos o desassossêgo numa população de 2.000 indígenas brasileiros. Os *Uanána* do alto Uaupés e os *Cubéua* do Querarí-Coduiarí, catecúmenos dos missionários do rio Negro, desde o século XVIII, administrados por autoridade brasileira até 1925, orçando por 3.000 indígenas, passaram em massa para a jurisdição colombiana. Tomando por limite o meridiano da foz do Querarí, na longitude 69°50'41" de Greenwich, deixámos sob o contrôle e a dependência da Colômbia as saídas de afluentes da margem esquerda daquele rio, região de imensos balatais explorados por brasileiros...

"Avaliam-se em 25.000 indígenas as populações de tradição brasileira radicadas na zona fronteiriça com a Colômbia, nos rios Japurá, Apaporis, Uaupés e Içana."

(*) Já impresso, em distribuição no C. N. P. .I., estando quase esgotado a edição de 2.100 exemplares. (Nota de 20/VII/1947).

Topou também com malocas de selvícolas *Uanána* no médio Uaupés entre Jurupari e Jandu-Cachoeira, e assinalou, além desta, mais 11 tribos que povoam o Caiari brasileiro:

Arapaço e Tariano, no Uaupés entre Ipanoré e Umarí-Cachoeira, e no baixo Papuri;

Tocana, Pirátapúia e Deçana, em agrupamentos alternados, no baixo-Uaupés, Papuri e Tiquié;

Bará, Micuratapúia, Tuiúca e Carapanã, no alto-Papuri e no Tiquié superior.

Entre as últimas tribos acima nomeadas, vivem ainda remanescentes de outras em vias de extinção.

Outros agrupamentos menos conhecidos, ainda nômades e arredios, compreendidos sob a designação de Macu, vivem no recesso das matas e nos afluentes menos transitados.

Assim se acham representados, no Uaupés, os quatro grupos linguísticos que abrangem a bacia do rio Negro: *Tocana, Aruáque, Caraíba e Macu*.

Segundo o mesmo observador, o grupo dos índios TOCANA, o mais numeroso naquela zona, compreende, "além dos *Tocana* pròpriamente ditos, os *Pirátapúia, Miriti-Tapúia, Arapaço, Tuiúca, Bará, Uanána e Cubéua*, além dos *Tsoeloa*, da cabeceira do Tiquié, dos *Erúlia, Upaima e Palenóa*, do Pira-Paraná; os ARUÁQUE são representados no Uaupés pelos *Tariana*, pertencendo-lhes, ainda os grupos dos *Baniua, Siuci, Hohodeni e Ipeca* do Içana, os quais vivem em comércio com os primeiros"; à grande família dos CARAÍBA ou CARIBE, "pertenciam os *Boiarana* (homem-cobra), assinalados por missionários do século XVIII, no médio-Caiari e provavelmente assimilados pelos *Cubéua* invasores do Querarí-Coduári".

O Tte. Cel. F. Rondon explica, a propósito do apelido: homem-cobra, que até agora se observam nos *Boiarana* inúmeros casos da terrível e dolorosa dermatite, que em muitas tribos da Amazônia e de Mato-Grosso é conhecida pela expressão: *puru-puru*, daí provindo o nome daquele grupo selvícola.

Finalmente, à família dos MACU, aliás qualificada pelo General Rondon entre as alófilas, supõe êle pertencerem "algumas tribos que erram ainda em estado semi-selvagem, na extensa região situada entre o Japurá e o rio Branco, além de outros agrupamentos docilizados que vivem no Taraíra, Papuri e Tiquié, perseguidos pelos ARUÁQUE e pelos TOCANA, que os maltratam e escravizam."

No livro a que me reporto, estão consignadas afirmativas de Henri Coudreau, computando em vinte e uma as tribos selvícolas do Uaupés, as quais falavam quinze dialetos (!) e opinando sobre a incontestável procedência CARAÍBA dos *Tariano*, "que tinham certa preeminência e cuja aldeia principal, neste rio, era considerada uma espécie de capital."

Os índios *Baré*, cujos remanescentes orçam por 100 indivíduos, "procedem do Papunaua, afluente do Inirida e, como os *Manáu* e *Marabitana*, foram assimilados pela população sertaneja do rio Negro". A folhas 123/4 do "Uaupés", encontra-se a seguinte lenda dos *Baré*:

« Em remotas eras, a filha de um poderoso tuxáua, expulsa da *taua* paterna foi viver numa tapera distante, onde parentes extremosos lhe iam levar recursos. Um dia essa índia teve um filho de singular beleza. Maní, chamou-se o índiozinho.

« A notícia do acontecimento alvoroçou a *taua*. O tuxáua, esquecendo mágoas e rancores, foi visitar a filha e se rendeu também aos encantos do netinho. Mas, ao completar três anos, Maní morreu misteriosamente sem ter adoecido. Os parentes vieram contemplá-lo mais uma vez, na esteira em que antes brincava, e o sepultaram no meio da *uca*. A mãe lá ficou desolada, lamentando sozinho seu infortúnio, sentada no chão.

« Ao amanhecer, os olhos cansados da índia viram brotar da terra molhada por suas lágrimas uma plantinha que logo foi crescendo, crescendo, até furar o teto da *uca*, e à grande altura, já árvore copada, floriu e deu frutos.

« Os parentes acorreram maravilhados. Revolvendo a terra, viram que aquela árvore saía do ouvido de Maní.

"— *Maniua! Maniua!*" exclamaram.

« Os passarinhos comeram os frutos da árvore e saíram semeando *maniua* branca, os de moela branca, e *maniua* amarela, os de moela amarela.

« A raiz da *maniua*, semelhante a um chifre (*aca*), denominou-se *maniaca*.

maniua = mandioca

iua = árvore"

Encontro ainda, no livro que estou passando em revista, informes sobre os TOCANA e *Cubéua*:

"Em 1852/3, os TOCANA... foram missionados nas aldeias de Jauareté-Cachoeira, Juquira-rapecuma, São Jerônimo de Ipanoré, Pã-Cachoeira, Ananá-rapecuma e São Joaquim. Em 1888, os Capuchinhos reuniram 948 TOCANA em 4 aldeias. Orçam, atualmente, por 1.600 os TOCANA do Uaupés e afluentes.

“Os *Cubéua* ocuparam o Içana-Aiari, onde dominaram povos ARUÁQUE, e recentemente o Querarí-Coduiarí, donde desalojaram os *Uanána*. No século XVIII, são encontrados no rio Negro, com o nome de *Coeuna* ou *Coeana*. Compreendem, atualmente, três ramos consangüíneos: *Cubéua* do Querarí, *Heenaua* ou *Cubéua* do Coduiarí e *Cauátapúia* ou *Cubéua* do Aiari.

“Orçam os *Cubéua* por 2.500 indivíduos, dos quais cêrca de 1.000 habitam o vale do Querarí. No século XVIII, os Carmelitas reuniram índios desta tribo nas aldeias de Mutum-Cachoeira, Micura-rapecuma, Uaracapuri, Caruru-Cachoeira, São Jerônimo de Ipanoré e São Joaquim.

“Os *Tariana* são procedentes do Içana. Vindo para o Uaupés, teriam constituído aqui o ramo da nação ARUÁQUE submetido pelos TOCANA invasores. Seus remanescentes vivem, atualmente, no médio Uaupés, entre Ipanoré e Macu-Pontaa jusante de Umarí-Cachoeira; e no baixo-Papuri, entre Uaracapá e Jauareté, -Cachoeira, divididos em pequenos grupos.”

— Numa das malocas dos *Cubéua* ocorreu um incidente que atesta o entusiasmo dêste povo brasilíndio por nossa Pátria; narra-o assim o explorador:

“Ao embarcar, passei pelos *Cubéua* para me despedir. Afagando o ombro do mais velho, perguntei-lhe se era colombiano.

“— *Umbá* (não), respondeu prontamente.

“— Não é colombiano? — insisti.

“— *Umbá*, contestou vivamente o *Cubéua*, sacudindo a cabeça em negativa e contendo desta vez o riso, que afinal rebentou em gargalhada,

“Os outros índios acompanharam a cena com interesse, rindo do embaraço daquele *Cubéua* que ia passando por colombiano.”

Noutro tópico anotou êle a frase expressiva dum selvícola:

— “Nasci brasileiro e brasileiro hei de morrer!...”

— Dentre as fotografias dos *Tuiúca*, encontra-se uma bem característica da imponência de dois tuxáuas, com os adornos para uma festa e trazendo pendurados ao pescoço os cilindros de quartzo que simbolizam a autoridade suprema!

Sôbre um de seus encontros com os *Deçana*, escreve, noutro tópico, o mesmo autor:

“Chegámos ao escurecer a Cuiú-Cuiú (São Bernardo), aldeia dos *Deçana*, à margem esquerda do igarapé do mesmo nome.

“Minha barraca se encheu de índios alegres e amáveis como velhos amigos. Fora, os que não podiam entrar, deixavam molhar-se por uma

chuvinha miúda e quente. Ao jantar, distribuí pela assistência, ainda numerosa, bolinhos de farinha, que os TOCANA de Piraquara haviam denominado "firitari" (fritos). Admiro nestas ocasiões a solidariedade dos índios. Enquanto o último não recebe um pedacinho que seja, não sossega nem se serve a velhinha que tem o encargo de distribuir os bolinhos.

"A propósito da nacionalidade dos *Deçana* de Cuiú-Cuiú, relatou-me um dos mais velhos:

"Antigamente, tudo era Brasil: o Papuri todo até Itim-Igarapé, o varadouro para o Uaupés e Jurupari-Cachoeira. Nada era Colômbia. Eu já era homem, quando apareceram aqui os Padres dizendo que esta costa do Papuri era da Colômbia."

"... Depois do almoço, outra volta pela aldeia; a vista de um canal e um engenho rústico, sugeriu-nos o fabrico de rapaduras. Os *Deçana* não sabiam fazê-las. Alcides Rocha se encarregou de ferver a garapa, numa panela de *tauápixuna*, tomar o ponto e enformar o melado, sob as vistas de uma dúzia de *cunhãs* radiantes de curiosidade e satisfação. Mateus, um de nossos remeiros, explicava a um grupo, com pormenores muito ao vivo, na gira *deçana*, o modo de conservar as rapaduras, envoltas em folhas de bananeira, como aprendera com o Sr. Rocha."

■

Das bem ponderadas observações do Coronel Themistocles destacarei, em primeira plana, as notas antropológicas e etnográficas que abrangem tôdas as tribos dos numerosos "clans," que visitou demoradamente, no oeste amazônico.

Em todos os tipos estudados acentua o explorador que não se encontra nenhum de beleza plástica e todos apresentam pouco diferenciados os caracteres físicos de maior evidência, como a altura mediana; a estrutura muscular proporcionada ao porte; cabelos lisos; tez escura; cabeça que oscila entre a braquicefália e a dolicocefália, aproximando-se mais daquela do que desta; as mulheres sempre de menor porte, porém robustas e mais bem nutridas que os homens, entre os quais é difícil encontrar-se um indivíduo adiposo; em geral todos feios e que decaem rapidamente com a idade.

Todavia, cumpre-me observar que, em contradição à fealdade apontada, as fotografias que aparecem no opúsculo: "Incolas-Selvícolas", desmentem uma tão categórica afirmativa do próprio autor, especialmente a que ali figura entre páginas 64 e 65, apresentando uma índia que repousa artisticamente reclinada em

sua rêde e que tem o seguinte título: "Jovem índia *Cobéua*, no interior da maloca — Foz do rio Querarí — 1933 —". A atitude poética, a fisionomia risonha e simpática, a doçura encantadora do seu olhar, mais parecem as de uma ariana super-civilizada e *granfiníssima*...

São do mesmo autor estas observações:

"... Os índios, regra geral, são ponderados e notavelmente calmos... Notável é a jovialidade com que se apresentam: estão sempre alegres e bem dispostos. Onde se acham dois índios, está a alegria: riem a propósito de tudo, o que talvez tenha dado motivo a que alguns exploradores os tenham comparado a eternas crianças!"

Entre os selvícolas da zona noroeste brasileira, fronteira com a Colômbia, anotou Themistocles a existência duma organização social interessante, a que denominou: "*diferencial*", pela forma elementar que apresenta e que, aliás, não é peculiar somente a eles, pois que também a assinalam os etnógrafos entre os indígenas da Austrália, constituindo uma fase inicial, anterior à do estabelecimento das tribos governadas por um chefe único."

O estudo de tais grupos ditou-lhe os seguintes apontamentos:

"... A família é aqui constituída tendo por base a monogamia.

"O casamento ou o acasalamento é feito pelo rapto, do qual têm prévio conhecimento os pais dos nubentes, dando-se até casos bastante curiosos, do pai do candidato raptar a pretendida para o filho. Esse rapto e acasalamento têm para eles a mesma fôrça de ligação e compromissos que o casamento para os civilizados.

"As ligações são perfeitas e os casais bem constituídos, notando-se perfeita harmonia nas famílias com recíproca fidelidade.

"Não deve ser isto de estranhar, pois são elas constituídas pelos únicos e legítimos laços que mantêm a família, os laços do coração.

"Marido e mulher raramente se separam, tomando as mulheres parte em todos os labores do marido, nas caçadas e pescarias, na plantação das incipientes roças de mandioca, nas viagens e nos passeios.

"São carinhosos para com os filhos, que se criam na mais ampla liberdade".

"Em geral os índios de um *clã* não casam com mulheres do mesmo *clã*, constituindo isto uma regra geral tradicional, que põe os indivíduos em relativa defesa contra os cruzamentos consangüíneos, em benefício do tipo étnico".

“Qualquer indivíduo ao chegar à maloca de outros é recebido como do grupo e de tudo participa, tem casa e comida.

“Nas festas, espécies de bailes a que chamam *caxiris*, todos contribuem com alimentos e bebidas. São muito atenciosos uns para com os outros e muito corteses.

“Ao chegar um conviva a uma festa, depois de se acomodar, recebe os cumprimentos dos presentes, um de cada vez, homens e mulheres, que o saudam delicadamente.

“A atenção e respeito de uns pelos outros verifica-se mesmo na conversa. Um índio diz para outro, em conversa:

« — Ontem à tarde uma canoa virou na cachoeira e o canoeiro morreu afogado.

“(Faz uma pausa). O interlocutor responde:

« — Eu sei, porque você está me dizendo, que ontem à tarde etc., repete a afirmativa.

“Em seguida o outro continua:

« — O cadáver não foi encontrado porque o rio levou.

“(Pausa) Diz-lhe o outro:

« — Estou sabendo porque você está me dizendo, etc.

“E assim prosseguem, sem descurarem essa reverência de declararem ter tudo como verdade.

“As conversações são portanto de pequeno rendimento e afastam as possibilidades de disputas.

“As festas ou *caxiris* são muito concorridos e para êles adornam-se os homens com penas de aves, plumas e bugigangas a que chamam *acangataras* e às quais dispensam carinho especial.

“Pinturas exquísitas adornam o corpo e no preparo dessa indumentária empregam muito tempo, auxiliando-se uns aos outros, como se vê nas fotografias anexas.

“As mulheres limitam-se à pintura, com traçados exquísitos que lhes dão aparências as mais variadas. Os espelhos e os pentes são dos objetos mais apreciados que lhes fornecem os civilizados.

“O *caxiri* é uma das bebidas que mais usam, e é feito de mandioca, ou milho, ou pupunha (fruto farináceo da palmeira *Guilielma Utilis*, rico em amido), que amassados com água, fornecem uma água de amido facilmente fermentecível, ácida a princípio e alcoólica em seguida.

"Em comêço de fermentação é refrigerante e agradável, depois torna-se embriagante pelo aumento do título de álcool.

"Fazem nas festas largo uso dessa bebida, havendo sempre um encarregado de servir os convivas em cuias de capacidade de cêrca de um litro.

"O *caapi* é outra bebida mais parcimoniosamente empregada. É o infuso da *Banesteria Caapi*, planta sarmentosa a que chamam *caapi*, que possui um alcalóide entorpecente, a *banesterina*, que produz embriaguês semelhante à do ópio e à do cactus *Peiotl*, tido pelos índios norte-americanos como planta sagrada. O *caapi* é servido em pequenas cuias como chécaras e não é aceito por todos os índios.

"Em geral os bailes duram enquanto existe bebida, que é conservada em potes de barro de uma cerâmica gigante e em cochos de madeira.

"As danças são para os homens, moderadamente movimentadas pelo som da música simples e monótona, havendo alguns motivos musicais bastante interessantes.

"As mulheres só ocasionalmente nelas tomam parte, segurando-se à cintura dos cavalheiros, quando já em andamento a marcha.

"Tôdas as danças são acompanhadas de cantos de motivos simples referentes à Natureza.

"O *Jurupari* é uma das marcas dos *caxiris*.

"Os instrumentos de música para esta dança, são um jogo de dez buzinas feitas de haste de palmeira com pavilhão de talas. De tamanhos diferentes, produzem uma música soturna, porém suportável. Antes de iniciar a marca são retiradas as mulheres e crianças para a mata, bem ao longe, porque lhes é vedado conhecerem o "*jurupari*".

Há ainda no opúsculo do Cel. Themistocles um capítulo digno de aqui figurar e é o que êle intitulou: "A Astronomia entre os índios", no fim do qual refere, a propósito, a lenda de Jaci (*lua*, em legítimo tupi-guarani). Transcrevo, na íntegra, o interessante capítulo:

"Não será, de certo, motivo para risos e mofas dizermos que êsses índios têm a sua astronomia, que além de idealista é utilitária.

"Um leigo que percorra a lista da nomenclatura das constelações estelares, tais como a nossa sapiência científica a formou e mantém, ficará admirado e a comparará talvez a um zoológico ou, quem sabe, si

a um museu, pois de mistura com animais figuram nomes de variados objetos.

"Pois bem, o índio primitivo seguiu a mesma marcha na sua rudimentar nomenclatura celeste: batizou com nomes de animais e objetos os grupamentos estelares que os impressionou.

"Conseguimos identificar algumas constelações.

"A nossa Grande Ursa ou Ursa Maior, constelação polar, do Norte, que é visível na latitude em que vivem, é para os índios *Jauareté* (onça).

"As Plêiades da constelação Taurus (touro) são chamadas: *Siuci*, que é seguida de *Muquentaua* (jiráu para fazer moqueado) que lhe pertence e é constituído pelas estrelas de Taurus que formam um A.

"Diz a lenda, que, quando *Muquentaua* aparece no nascente, de madrugada, pelas 4 horas, ao raiar do dia, mês de novembro, é necessário que homens, mulheres e crianças cheguem à beira do rio para o banho e pronunciem esta súplica: "*Siuci, Siuci Ita ce anga ce ceté santá*". — (Que a minha alma e meu corpo fiquem fortes e duros como a pedra por muito tempo)".

"Aqueles que deixarem de fazer anualmente esta prática, ficarão fracos e não durarão muito.

"*Siuci* é a dona de *Muquentaua* que nêle moqueia as pessoas que não tomam o banho indicado. Abaixo de *Muquentaua* vem *Ararapari* que é a bela constelação de Orionis (Orion).

"A constelação Scorpio (scorpião) é chamada *Boiauassú*, cobra grande, que enguliu um ovo de arara, *Ararasopíá*, que é representado pela estrela *Antarés*, alfa da constelação, e ficou preso na garganta...

"Quando a cabeça de *Boiauassú* desaparece no poente, ao pôr do Sol, dá-se a enchente dos rios, o que tem lugar pelo mês de novembro: é o *boiauassú iuquicé* ou enchente de *boiauassú*.

"Antes de *Boiauassú* fica o *Tatu*, que é a constelação Corvus, (corvo), pequena cruz com 5 estrelas, que quando se deita ao escurecer, pelo mês de setembro, determina muito grande enchente, que como o tatu, animal, escava as barrancas dos rios e corroe os terreiros das moradas. A enchente de *Boiauassú* vai até *Siuci* deitar-se ao pôr do Sol (mês de abril). Marcam assim o período da cheia dos rios, cuja aproximação acompanham no céu pela posição das constelações.

"Pela cheia de *Tatu* é a época da piracema, da subida do peixe águas acima. Por essa ocasião as águas enchem os igarapés, tornam-se estacionárias: é a época de azáfama das pescarias ao timbó e aos ca-

curis, armadilhas de varas para pegar peixes, que são montadas desde que Siuci anuncia as primeiras águas.

"Todo o *clã* movimenta-se, interna-se pelos igarapés, na faina da colhida do alimento.

"Pegados os peixes envenenados pela goma do timbó nas águas paradas, são êles moqueados, isto é, expostos ao calor e à fumaça em cima de jiráus de varas (muquentaua) até ficarem completamente secos e negros pelo fumo.

"E' a provisão para o período de carência, é a conserva de peixe, de sabor detestável.

"*Juarauá*, o peixe-boi, é a nossa constelação *Crucis*, o Cruzeiro do Sul; que é perseguido por dois *Puracaçaras*, pescadores que são as duas grandes estrelas *alfa* e *beta* do Centauri, que ficam ao ocidente e próximo ao Cruzeiro.

"Uma descoberta interessante fiz inesperadamente.

"Um tuxáua pediu-me para explicar os elementos das armas da República que, em placa de bronze, estava colocada num marco divisório do nosso território com o colombiano.

"Tudo foi explicado e entendido, ao chegar porém, ao pedaço de céu que tem ao centro, figurando o Cruzeiro do Sul, não havia meio de fazê-lo conhecer a constelação, quando lembrei-me da denominação pela qual êles a conheciam: *juarauá* (peixe-boi).

"Compreendeu então rapidamente o tuxáua e ficou descoberto que o peixe-boi está no meio das armas da República, cercado pelos tradicionais café e fumo, todos, riquezas decaídas para penúria da Nação, sobrando sómente as estrelas como a esperança e o sabre como a garantia !

"O *Camarão* é constelação sem finalidade prática, é constituído pelo *Lupus* (lobo) e parte do *Centaurus* que lhe fica próximo, formando as maiores estrelas uma figura parecida a um escorpião, sendo as estrelas de *Lupus*, as garras.

"Junto ao *Camarão* fica *Jacundá* (uma espécie de peixe) formado de estrelas pequenas.

"*Jaci* é a lua; *jaci-peçassu*, lua nova; *jaci-suassú*, lua cheia; *Jaci-pirêra*, lua minguante (*Pirêra* significa: resto).

"Explicam, numa lenda, que Jaci era moça bonita e vivia na maloca em companhia de uma irmã casada.

"Um atrevido, que era o cunhado, horas mortas da noite, no escuro da habitação, ia mexer com a donzela, sem que ela pudesse descobrir

quem era. Preparou então uma cuia de tinta de genipapo e colocou ao alcance da sua rede para com ela marcar o ousado.

"Acontece porém que o cunhado, ao aproximar-se, tateando, meteu a mão na tinta e quando passou no rosto da virgem, manchou-o de preto. Por isso a lua tem a face manchada de preto...

"Deve ser poético para eles o idealismo da lenda."

CONCLUSÃO

Se considerarmos agora, em conjunto, a obra realizada pelo General Rondon, em benefício da população aborígine do território que ele vem abrindo à atividade fecunda da nossa civilização, veremos que essa obra representa o resultado dum esforço, mais grandioso e mais admirável do que tudo quanto nêsse mesmo gênero se tem feito na nossa Pátria, e provavelmente no resto da América. Porque essa obra, toda de paz, de conciliação e de bondade, abrange inúmeros povos diferentes, cada qual ocupando um lugar distinto na escala da evolução das sociedades, nitidamente separadas umas das outras, pelos costumes, idiomas e ritos, todas guerreando-se mutuamente e havendo, em algumas delas, outras guerras intestinas; várias que nos tinham por inimigos tradicionais e intratáveis; e outras de que nem suspeitávamos a existência.

Usando, só e exclusivamente, do altruísmo, como força política, Rondon conseguiu deter a marcha assoladora de injustiças seculares; reerguer, dêsses povos, os que já tinham entrado na fase da agonia, que precede à extinção total; aplacar ódios exterminadores; debelar prevenções oriundas de diferenças de raças, de línguas e de crenças; numa palavra, desbravar a formidável floresta de más paixões que o egoísmo acende nos corações dos homens, transformando-os em inimigos cruéis e rancorosos uns dos outros. E tirando do fundo da sua própria alma os materiais com que havia de construir a grandiosa trama da sociabilidade brasileira, entrevista e desejada por José Bonifácio, Rondon ligou êsses povos entre si pelos laços da amizade e religou-os ainda mais fortemente, pelos liames indissolúveis da gratidão, ao sagrado altar da Pátria e da humanidade.

C.N.P.I. — Rio, 4 de outubro, 1945.

Amilcar Armando Botelho de Magalhães.
Cel. Secretário do C.N.P.I.

A CERÂMICA DA TRIBO UABOI

RIOS TROMBETAS E JAMUNDÁ



975 — Fragmento de vaso, procedente da tapera de Anjos, na foz do igarapé d'êste nome, afluente do lago Sapucúá. A decoração estelar que aí se apresenta é um caso único, segundo as observações do explorador, na decoração cerâmica dos Uaboi.

Em 18 de setembro de 1928, na subida do Rio Trombetas, em demanda do Cuminá, confiou o Gen. Rondon ao Snr. João Barbosa de Faria a interessante missão de estudar os índios que habitam o vale dos rios Trombetas e Cachorro. O resultado d'êstes exames, que o levaram à presença dos índios Caxiuaná, que se diziam remanescentes da antiga tribo dos Pauxi, levou-o a examinar as taperas da tribo extinta dos Uaboi, assinaladas invariavelmente por numerosos fragmentos de cerâmica, restos de vasos e esculturas, por êle encontrados naquela zona.



976 — Fragmento de um vaso.
Sta. Maria. Rio Trombetas.

Fotos Dr. B. Rondon



977 — A ornamentação no rio Trombetas, consiste em motivos geométricos restritos, porém, aos ritmos retilíneos elementares, sendo todo lavor cinzelado, em alto ou baixo-relevo, com exclusão absoluta de representações picturais. Não se encontram aí elementos curvilíneos, nem linhas interceptadas ou cruzadas. (*)

(*) João Barocsa de Faria. A Cerâmica da Tribo Uaboi dos Rios Trombetas e Jamundá

978 — Adorno de vaso.
Sta Maria. Rio Trombetas.

Fotos Dr. B. Rondon



979 — Esta peça arqueológica na originalidade da cruz dos Uaboí, é um fragmento de vaso achado na tapera do lugar denominado Coqueiros, no lago de Sapucá.



980 — Nos estudos dos americanistas colombianos, o Doutorando João Barbosa de Faria, infelizmente, não encontrou elementos para identificar esta e as seguintes esculturas grotescas.

981 — Figura grotesca. Coqueiros no lago Sapucúá. O caráter exótico da civilização dos Uaboi, afasta em absoluto a idéia de qualquer parentesco entre este povo e as tribos autoctones brasileiras. Nos próprios símbolos e concepções configuradas na cerâmica transparecem idéias e um estilo muito peculiar à escultura prehistórica andina.



982 — Figura grotesca. Coqueiros. Lago Sapucua. Possivelmente representam as figuras grotescas, Bochica, Ica-danza, Chaquén e mesmo Formagata, os gênios do mal. (*)



983 — Também para esta escultura faltam os elementos de identificação.

Fotos Dr. B. Rondon

(*) João Barbosa de Faria. A Cerâmica da Tribo Uaboi dos Rios Trombetas e Jamundá
pág. 18

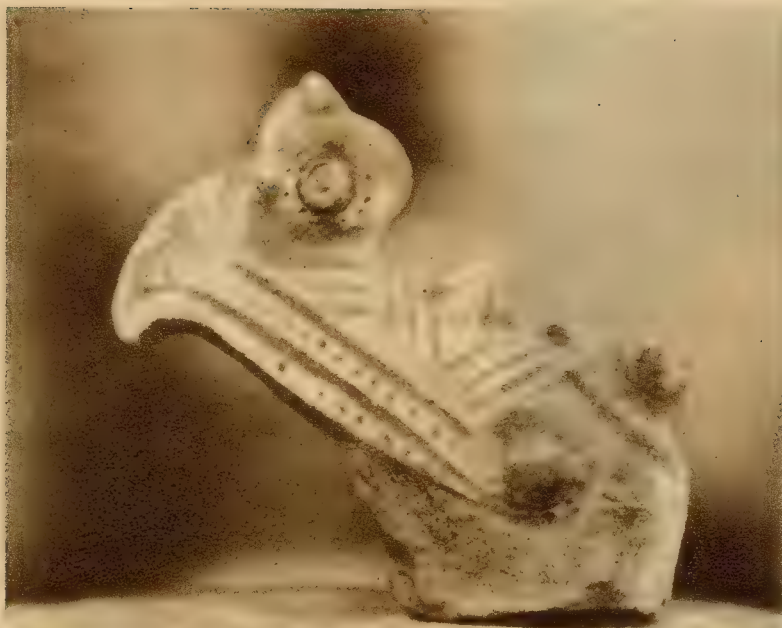
984 — Perfil da cerâmica em
baixo.



Fotos Dr. B. Rondon.



985 — Figura grotesca. Co-
queiros. Lago Sapucúá.



986 — Cabeça de uma ave de rapina, animal sagrado. Segundo o Prof. Posnansky "A representação do condor, simbolizou no culto de Tiahuanacu, o receptor da luz e do calor solar."

Fotos Dr. B. Rondon

987 — Batráquio (Totem) "Arã, outra figura sagrada, simbolizava a água no território dos Chibcha. Os índios se serviam destas representações à maneira de amuleto ou como oferenda à divindade. (**)



(**) Extraído de Júlio C. Salas. Etnologia y Historia de Tierra Firme, pág. 92, cit. em obr. cit., pág. 16.



988 — Esta figura parece ser concernente à astrolatria. Estampa-se uma escultura da Lua (*Chia*), espôsa do Sol (*Sua*) segundo os Chibcha. *

Fotos Dr. B. Rondon



989 — A escultura foi encontrada na Ilha Paru, situada no lago do mesmo nome; Interpreto-a como representação do deus *Foo*, símbolo da raposa. Os Chibcha consagravam-na aos esportes e diversões de tôda ordem e ofertavam-lhe penas coloridas. (**)

(*) Júlio C. Selas. Op. cit. pág. 285 cit em João Barbosa de Faria.

(**) João Barbosa de Faria. Ob. cit. Pág. 17.

990 — Ídolo fálico. Segundo João Barbosa de Faria é de presumir que seja fragmento da tampa da urna cinerária, págs. 37-39. A peça foi encontrada no mesmo sítio em que se achou a urna na Ilha de São João.



991 — Frente do mesmo ídolo fálico.

992 — Cachimbos zoomorfos
(seres humanos) Ilha de São
João.



993 — Ídolo e cachimbo. Bai-
xo Trombetas.

994 — Chocalho para crianças.

995 — Ídolos moldados em
cachimbos. Ilha de São João
ou Botôa.





996 — Figura grotesca. Coqueiros. Lago Sapucúá.

Fotos Dr. B. Rondon

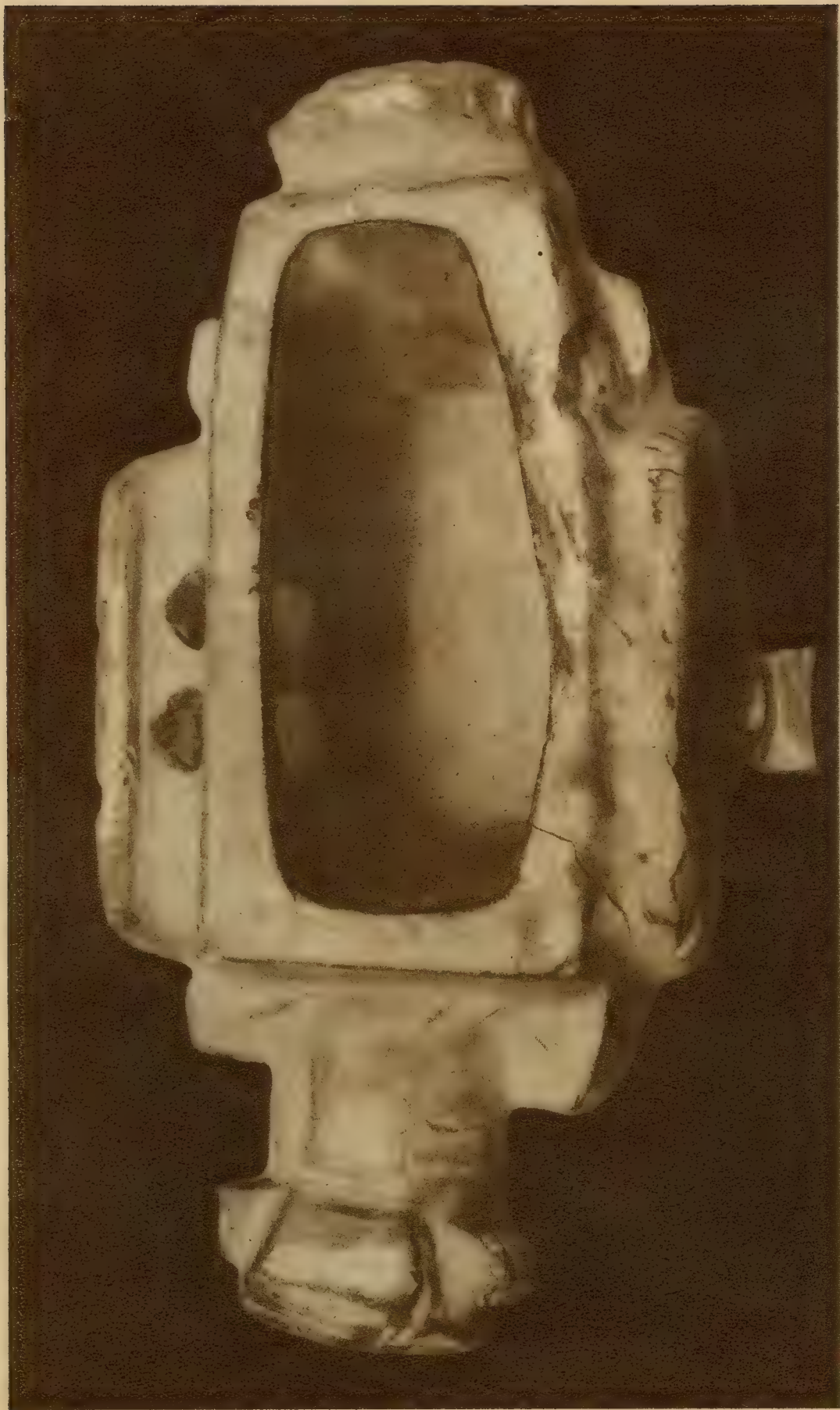


997 — De permeio com as peças de barro, encontravam-se, outrora, nas estações cerâmicas da zona Trombetas e do Jamundá, os chamados "muirakitans ou paurakitans" * delicadas esculturas em nefrite e jadeíte, que foram amuletos de alto valor estimativo, venerados pelos índios. Faro, rio Jamundá.



998 — Urna cinerária, autêntica preciosidade arqueológica oferecida ao General Rondon pelo Dr. João Henrique Diniz, quem em carta dirigida à Inspeção de Fronteiras declarou terem-na achado trabalhadores seus, sob ligeira camada de terra aluvional na Ilha de São João ou Botoa, sítio no baixo Trombetas.

Foto Dr. B. Rondon.



999 — Face superior da mesma cerâmica antiga, indígena.

Foto Dr. B. Rondon.



1000 — Nas faces extremas da mesma urna acham-se duas outras esculturas de cabeças: de um lado, uma figura simiesca; e

Fotos Dr. B. Rondon

1001 — de outro lado, a estatueta de um homem sentado.





1002 — Na cidade de Óbidos têm-se encontrado fragmentos de vasos de belo valor artístico. Trata-se porém, de cerâmica procedente do rio Trombetas, o que revela pelo estilo e manufactura que lhe são próprios.

1003 — A matéria-prima empregada nesta peça é um barro negro de que não se utilizavam os Uaboi. A própria escultura tem o cunho de uma arte que não é destes índios. E' evidentemente, o derradeiro despójo de um vaso extraviado de outras tribos. Nesta zona de Poção — Mondongo, há completa ausência de cerâmica.



1004 — Cerâmicas indígenas, obtidas por João Barbosa de Faria, na região dos lagos da barra do rio Trombetas.

Índios Pianocotó, Tirió e Caianã

RIO CUMINÁ-PARU



1095 — Vista do Tronco, no rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.



1006 — Castanheiros em serviço no Tronco, Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon



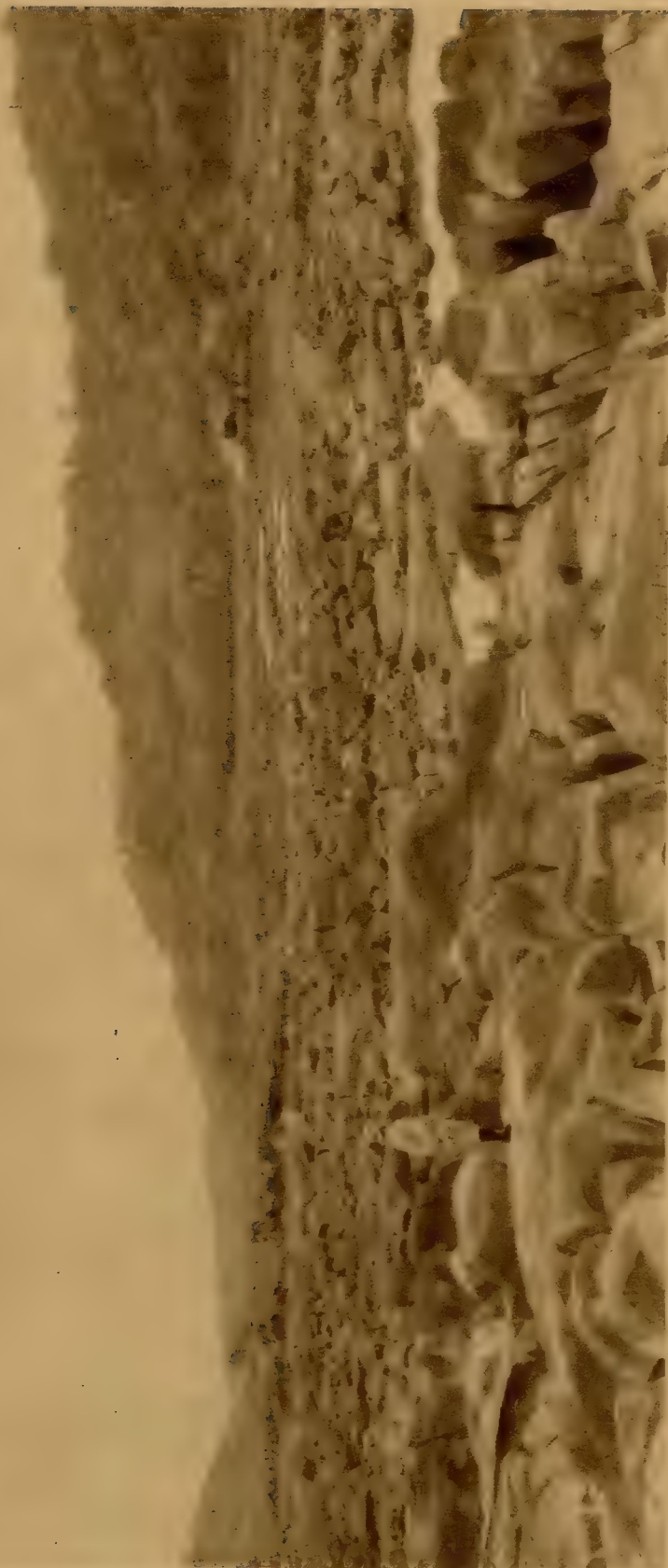
1007 — Cachoeira de Tronco durante a seca, Rio Cumini.

foto Dr. B. Rondon



1008 — Dez quilômetros acima do Tronco. A Cachoeira do Inferno. Esta queda chama-se "Resposta".

Foto Dr. B. Rondon



1009 — Cachoeira de Quebra Canela no rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.



1010 — Cachoeira do Armazem do rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rendon



1011 --- Corredeiras do Taurino. Rio Cuminá.

Pete Dr. B. Rondon



1012 — Acampamento na praia de Tarumã. Rio Cuminá.



1013 — Petroglifos de Tarumã. Rio Cuminá.



1014 — Do que parece, não
restar dúvida é, sejam devidos
à mão indígena.





1015 — Esses petroglifos (Itacoatiaras dos silvícolas) são muito freqüentes por aqui.



1016 — O Arquipélago de Tarumã é cheio desta espécie de arte de talvez séculos atrás.



1017 -- Outra inscrição rupestre de Tarumã. Rio Cuminá.



1018 -- Mais uma prova duni artista desconhecido por nos.



1019 — Petroglifos. Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon

1020 — Inscrição, rupestre, Tarumã, rio Cuminá.



1021 — Inscrição rupestre de
Tarumã, Rio Cuminá.



1022 — Petroglifo encontrado
na Cachoeira Zóada, Rio
Cuminá.



1023 — Descarga de canoas na Cachoeira Zóada, Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon



1024 — Galgando o maior degrau da Cachoeira Zóáda. Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon



1025 — As canoas recebem novo calafeto na Ilha Aluni, Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.



1026 — Cachoeira do Jacaré, rio Cuminá, a segunda da série "Paciência".

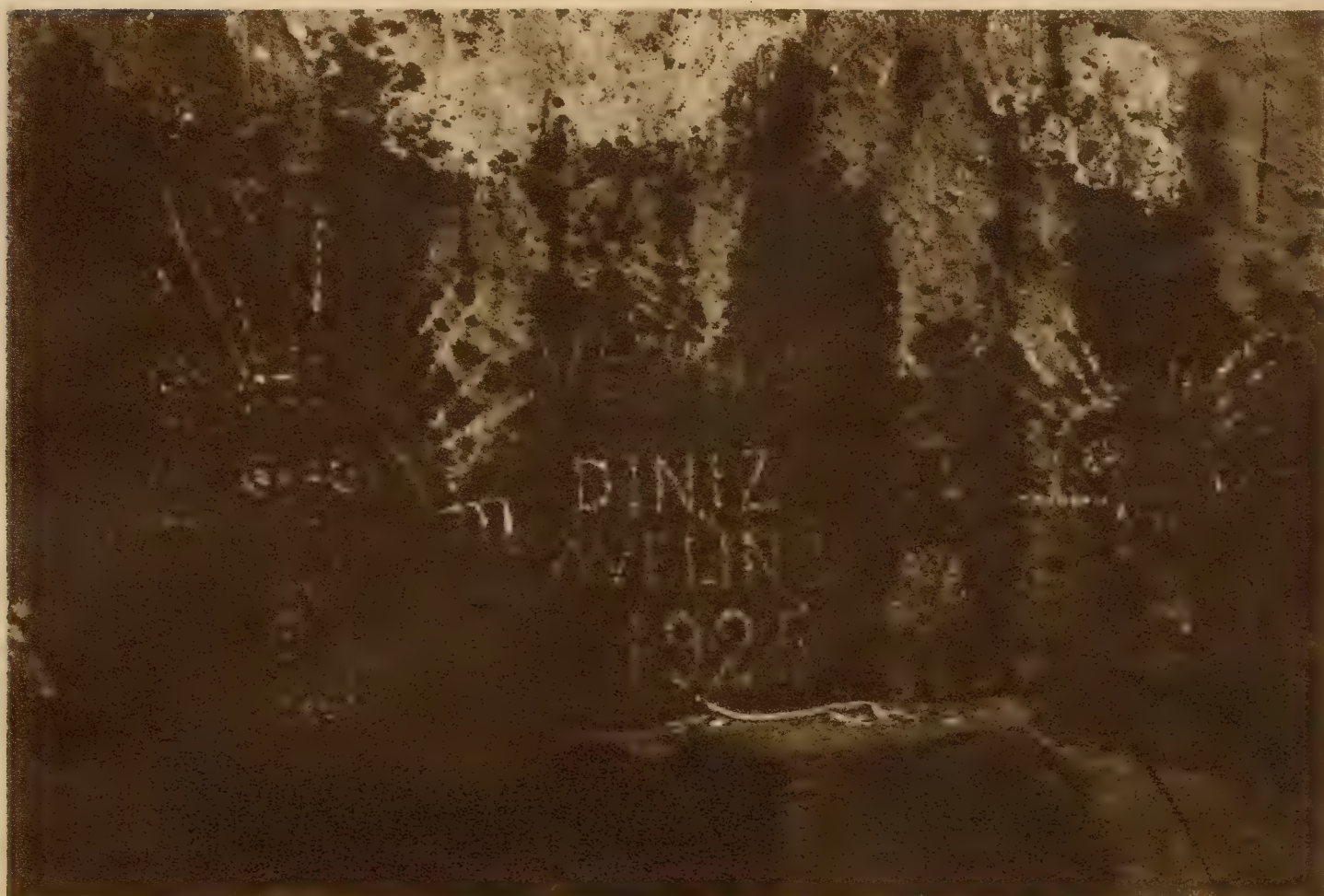


1027 — O tombo da cachoeira do Jacaré, Rio Cuminá.



1028 — Petroglifo encontrado na cachoeira do Jacaré, Rio Cuminá.

Fotos Dr. B. Rondon.



1029 — Inscrições rupestres na cachoeira do Resplendor. Podemos ler entre os petroglifos seculares, o Venit 1887, devido ao Padre Nicolino e logo abaixo na pedra Diniz Avelino 1925, inscrito pela expedição Diniz, igualmente entalhado entre os dois símbolos indígenas.



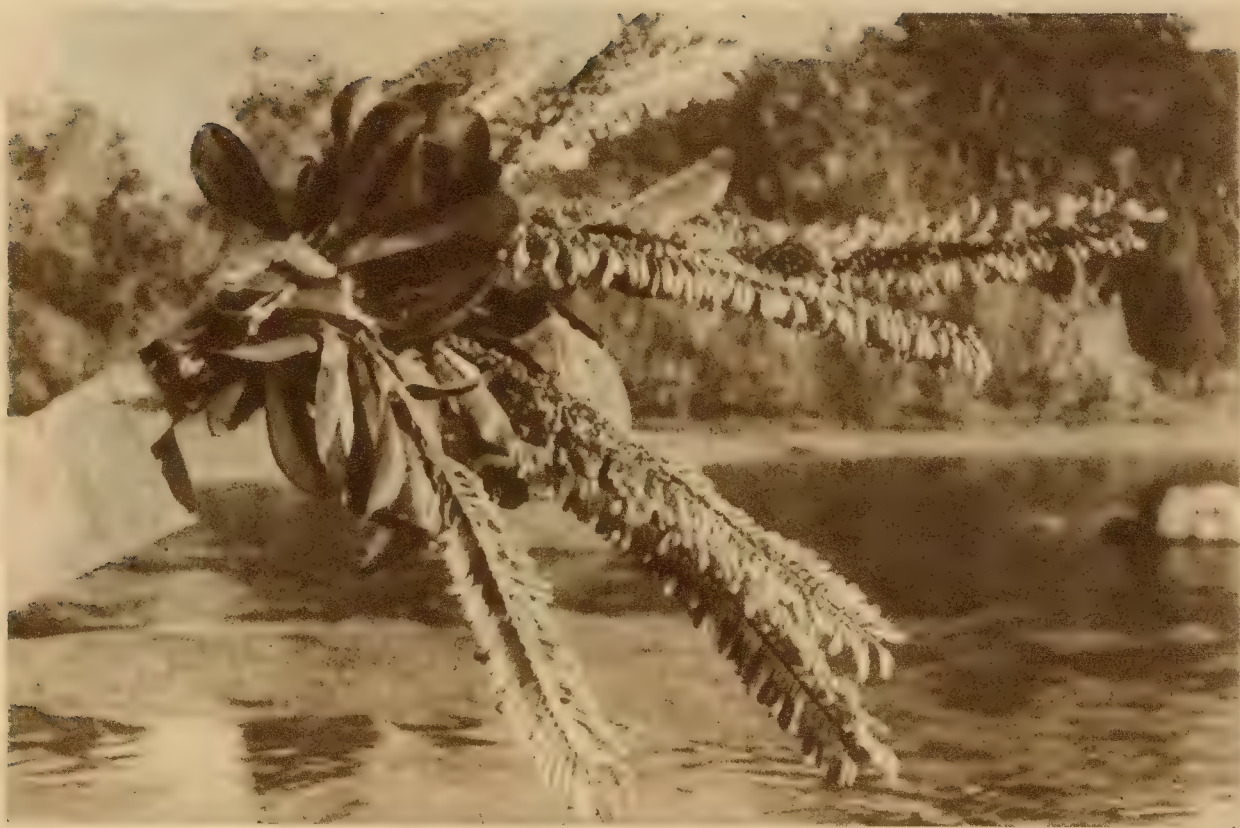
1030 — Cachoeira do Resplendor, a terceira da série "Paciência". Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.



1031 — Árvore da Balata
(*Mimusops Balata*) Rio
Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.



1032 — Raras trepadeiras de côr violeta foram colecionadas pelo botânico.



1033 — E, inocentes flores perfumadas de "Jeniparana".



1034 — As matas são ricas de plantas decorativas.

Cine Major Thomaz Reis



1035 — As flores de Anonáceas abriam em belos botões côr de creme.



1036 — Pelas ramas marginais pendiam os "Pentes de Macaco" escarlates.
Planta trepadeira.



1037 — Um "Coleóptero" interessante, o Serrador, cortador de galhos.



— 1038 — Cachoeira Grande, fim da série "Paciência". Rio Cuminá.



1039 — Uma surpresa: o primeiro vestígio da existência perto dos índios Pianocotó, uma canoa da trib





1040 — Na altura da fóz do Marapi ranchos de índios Pianocotó. Rio Paru.



1041 — No pôrto dos índios Pianocotó, rio Paru.



1042 — Um Símio e um Quati aprisionados, que se davam muito bem.

Cine Major Thomaz Reis.



1043 — Um grupo de índios Pianocotó, que, espavoridos pela nossa aproximação, internou-se floresta a dentro, sem levar os seus animais.



1044 — Aldeia dos índios Pianocotó, Maripá, rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon



1045 — Índio Pianocotó. Aldeia Maripá no rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon.



1046 — O General Rondon entre os índios Pianocotó, rio Paru.



1047 — Índios Pianocotó
com seu novo amigo.



1048 — Índio Pianocotó. Rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon

1049 — Tipos de índios Pianocotó, Rio Paru.



1050 — Bons tipos de índios Pianocotó.

1051 — Jovem índio Pianocotó. Rio Paru.



1052 — Uma velha índia Pianocotó do rio Paru



1053 — A índia peneirava a farinha de mandioca no seu baquitê de palha.



1054 — Depois limpava a laje quente com um pouco de farinha de mandioca, retirando-a logo em seguida com uma espécie de leque.



1055 — Então começava a assar seu beijú.

1056 — E não deixou passar a oportunidade de enfeitar o bolo, com um desenho de seu próprio punho.



1057 — Uma boa cozinheira deve assar também o outro lado na laje quente.



1058 — Assim ela vira o seu produto artístico, que não deve ser menos delicioso.





1059 — Um índio Pianocotó, enfeitando-se a seu modo.



1060 — Ele começa pelos braços.



1061 — Alisando, entre os dedos, pena por pena.

1062 — Depois o nariz recebe
o seu enfeite.



1063 — E finalmente de plu-
mas delicadas e de côr viva,
êle corôa a própria cabeça.



1064 — O chefe Pianocotó no
seu traje festivo.





1065 — Dr. Benjamin Rondon, distribuindo presentes aos índios Pianocotó. Cine Major Thomaz Reis.



1066 — Nesta aldeia o General Rondon recebeu muitos objetos para o Museu Nacional.



1067 — Índios Pianocotó. Rio Paru.

Cine Major Thomaz Reis.



1068 — Os índios observam a canoa em sua passagem pelo pôrto do rio Paru.



1069 — Rio Paru.

Cine Major Thomaz Reis.



1070 — Na Cachoeira Paciência pescavam-se traíras dos poços que eram como viveiros de peixes tal a abundância.



1071 — As Traíras eram notáveis, pelo porte de tamanho ainda não visto em outros rios.



1072 — Em menos de meia hora pescavam-se quatorze peixes.

Cine Major Thomaz Reis



1073 — Pelas margens Aningas em flor.



1074 —

Cine Major Thomaz Reis.



1075 — Muitos dias depois a flora apresentava novos aspectos. Sumarés e Piteiras entre Cactáceas.



1076 — Os Jabotis da região dos campos eram inúmeros.

Cine Major Thomaz Reis.



1077 — Índio Tirió. Rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon



1078 — Aldeia velha *Ocoimã* dos índios Tirió. Rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon



1079 — Tuxáua Pai-Pai dos índios Tirió. Rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon

Fotos Dr. B. Rondon.



1080 — General Rondon entre os índios Tirió e Caianã do grupo Rangu-Piqui. Rio Paru. Os Caianã em visita aos seus parentes.



1081 — Major Luiz Thomaz Reis entabulando uma conversa com os índios Tirió. Rio Paru.



1082 — Índio Tirió. Rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon



1083 — O mesmo índio de frente. Rio Paru.



1084 — “Coronel Uaianã”, índio Caianã do rio Parumã, da fronteira com a Guiana-Francesa, encontrado em visita aos índios Tirió da aldeia Ocoimã no rio Paru.



1085 — A mulher do cacique Uaianã pertence também à tribo Caianã da fronteira com a Guiana-Francesa. Ambos sabem falar o idioma francês.



1086 — Índio Tirió, como os outros da tribo, habitante da vertente meridional da Cordilheira Tumuc-Humac.



1087 — Índia Tirió com seu filhinho.



1088 — Índios Pianocotó da fronteira Brasil-Guiana Holandesa.



1089 — Índias Tirio: a do lado direito pintada com fortes traços de tinta de genipapo, caracterizando o seu estado de solteira.



1090 — Na aldeia dos Tirió. Rio Paru.

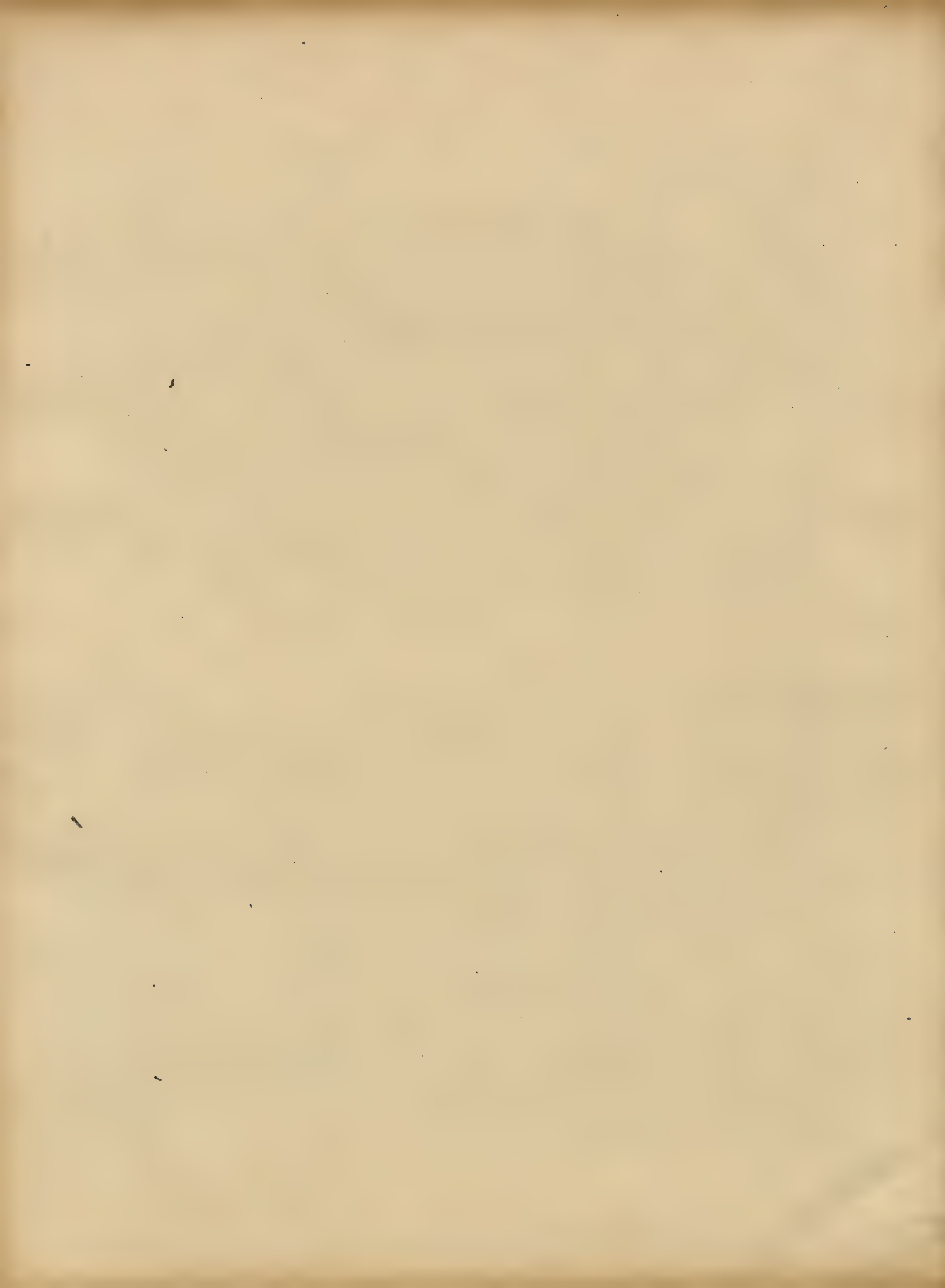


1091 -- Índios Tirió e Caianã do grupo Rangu-Piqui.

Cine Major Thomaz Reis.

Os Aparai do Rio Jari

Fotos gentilmente cedidos pelo Sr. Cand. Phil.
Dr. Schulz - Kampfenkel





1092 — Rio Jari.



1093 — Malóca dos índios Aparai, rio Jari.

Fotos Dr. Schulz - Kampfenkel



1094 — Dança dos índios Aparai, Rio Jari. Pelo uso de panos recebidos dos expedicionários, tem-se a impressão de que estes índios se encontravam em estado de decadência avançada, o que não é verdade e o próprio autor também nega, em absoluto, no seu livro, esta versão.



1095 — Depois vencida a desconfiança dos Aparai, um grupo escutando a música de um gramofone da Exp. Científica Zoológica Alemã ao Rio Jari.



1096 — O índio Aparai, vulgo
"Pitomo", o guia. Rio Jari.



1097 — Uma velha da tribo
Aparai em palestra. Rio Jari.



1098 — A índia Ocóy da tribo
Aparai, rio Jari.

1099 — O tuxáua dos índios
Aparai acabando a preparação
de uma flecha.



A Região do Rio Negro e seus Índios



1100 — Água e céu, o rio Negro na sua majestade.

Foto Charlotte Rosenbaum



1101 — Pôrto de Manáus, vendo-se a fábrica de cerveja.



1102 — Muito pitoresco, e de incrível variedade de trechos e aspectos, é o rio Negro, um dos mais interessantes rios do mundo.



1103 — Trecho do rio Negro em Tauapiçassú.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1104 — Um momento, entre ilhas, o rio Negro aparece-nos bem diferente e muito menor.



1105 — Durante a enchente, grande parte das margens são inundadas. Aqui as palmeiras Jauris mostram bem a luta tremenda da vegetação contra os elementos, água e vento, impressão mais fortificada pelos troncos espinhosos e o verde escuro das folhas.



1106 — Enquanto as Canaraís, (na frente) e as Assaís, no lado esquerdo com seu verde-claro e a graciosidade das estipes alegram as margens do rio Negro.



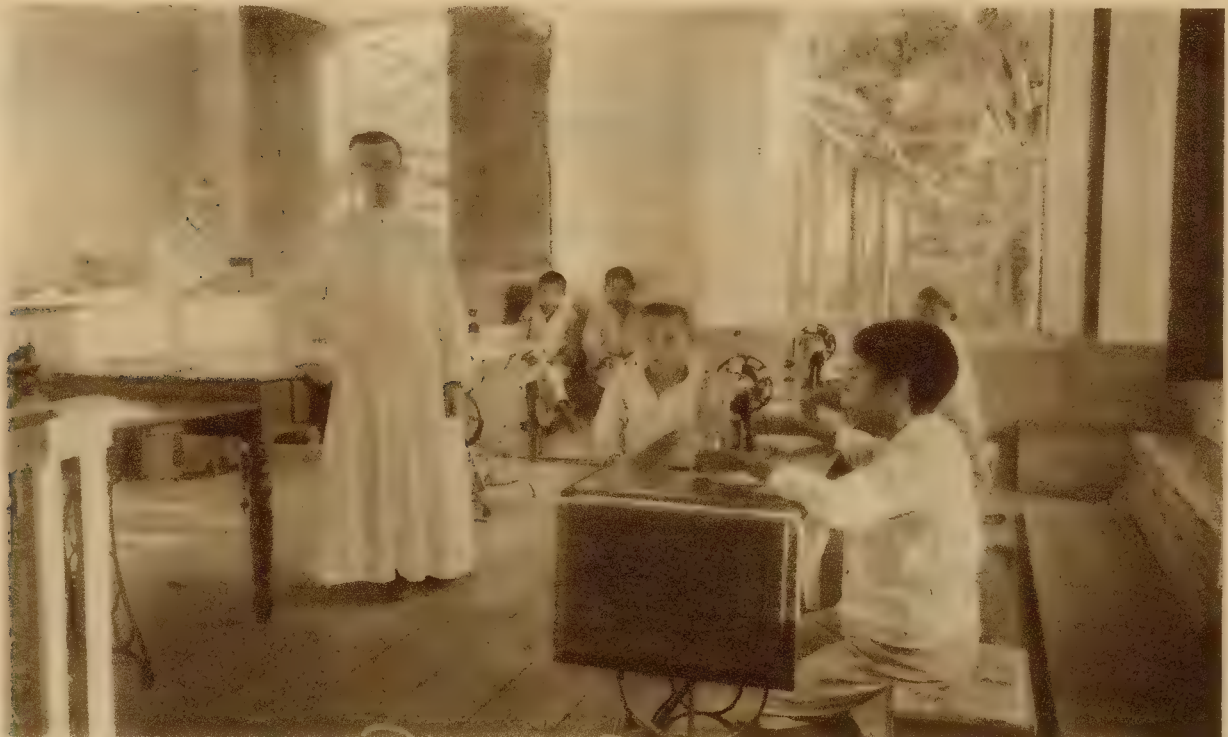
1107 — Barcelos: Só tem algumas habitações, salvo as propriedades das missões salesianas, que em todo o rio Negro colaboram com o Serviço de Proteção aos Índios, no assistir e educar os silvícolas da região.



1108 — Vê-se aqui o tipo de dormitórios dos internatos nas missões salesianas.



1109 — Internados das escolas das missões salesianas em Barcelos.



1110 — Barcelos. Missão salesiana. Vista interior de uma classe profissional.



1111 — No horto agro-pecuário da Missão Salesiana em Barcelos.



1112 — Outro aspecto. O gado da Missão.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1113 — Pôrto de Moura, à margem direita do rio Negro, cabeça do município do mesmo nome.



1114 — São Joaquim, defronte da foz do Padauari, à margem direita do rio Negro.



1115 — Pôrto de Ceará no rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1116 — Um pescador com seu filho. O velho sabe o preço de um peixe, mas só o filho conhece as moedas e sabe calcular. Influência das escolas...



1117 — Pôrto de lanchas, Sta. Isabel, rio Negro, fim da navegação regular com vapores da Companhia Navegação Amazonas.



1118 — O mesmo pôrto com o galpão de atracação para os vapores e ao lado as canoas com tôldos, como são usadas no rio Negro.



1119 — A firma J. G. Araújo, de Manaus, que é proprietária de Sta. Isabel, tem aí um armazem de gêneros e mercadorias e um trapiche de desembarque.



1120 — Frente à ilha Sta. Isabel. Vê-se um bonito exemplar da palmeira Inajá.



1121 — No rio Negro vendem-se em grande escala os produtos da região. Nestes depósitos conservam-se as safras de castanhas do Pará sob a ação da água ou da chuva natural.



1122 — Outro produto é a fibra de piaçava. Lancha já carregada com a mercadoria na sua forma característica de embalagem.



1123 — Passando as corredeiras de Massarabi. Rio Negro.



1124 — Rápidos de Massarabi, rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1125 — Serra Curicuriari. Rio Negro.



1126 — Outra vista do rio Negro com a serra Curicuriari.



1127 — Pôrto de Jerusalem, rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1128 — Pôrto de Jucapi, séde de uma missão americana da congregação protestante.



1129 — Parece que sejam pinceladas de aquarela da própria natureza com a água do rio Negro.



1130 — Camanaú, lugar, onde nenhuma embarcação se atreve a passar carregada. Só em diversas viagens transportam, separadamente, passageiros e mercadorias.



1131 — Numa extensão de vinte e dois quilômetros estendem-se as perigosas corredeiras de Camanaú, Rio Negro.



1132 — Rápidos de Camanaú. Assim se mantém o rio Negro, durante duas horas, pela madrugada, agitado e furioso, como o mar açoutado por fortes ventanias.



1133 — São Gabriel, visto do rio Negro. A espuma dos rápidos assinala o perigo que correm as embarcações para transpô-los.



1134 — A temida cachoeira de São Gabriel é forte e funda, com sumidouros para onde arrasta suas vítimas, por melhores nadadores que sejam.



1135 — Pôrto de baixo em São Gabriel. Rio Negro.



1136 — Neste aspecto de São Gabriel, mostra-se a cidade como uma aldeia, ainda meio-adormecida.



1137 — Mas na parte nova, São Gabriel é de arquitetura em estilo moderno, dotada de estação telegráfica, prefeitura e hospital, uma cidade, enfim, em pleno desenvolvimento.



1138 — Casa das irmãs de N. S. Maria Auxiliadora das Missões Salesianas em São Gabriel, rio Negro.



1139 — Hospital da Missão Salesiana em São Gabriel, rio Negro



1140 — A sala cirúrgica do hospital



1141 — Enfermaria com uma pequena paralítica internada

Fotos Charlotte Rosenbaum



1142 — A farmácia e o hospital
atendem á muitos enfermos
da região, principalmente
doentes de paludismo



1143 — Missionárias Salesianas
com meninas indígenas do
Colégio de São Gabriel



1144 — Aula de costura
na Missão Salesiana



1145 — Classe do sexo masculino, São Gabriel, rio Negro



1146 — Exercício militar dos internados, instruídos pelos missionários salesianos em São Gabriel, rio Negro



1147 — Classe de ginástica dos menores, São Gabriel.



1148 — Escola de agricultura São Gabriel. Os pequenos índios gostam muito duma vida bem movimentada.



1149 — Cultura de arroz. Escola-agrícola. São Gabriel.



1150 — A instrução agrícola está nas mãos de um agrônomo profissional. Aqui se vê uma parte do pomar com cultura de laranjeiras.



1151 — Menores do sexo feminino, num intervalo de aulas, brincando no recreio



1152 — Crianças no refeitório da Missão Salesiana em São Gabriel



1153 — Olaria da Missão Salesiana em São Gabriel



1154 — Na olaria aprendem os jovens índios a fabricar tijolos, telhas e manilhas



1155 — Vista de São Gabriel, com bons exemplos de popunheiras, no primeiro plano.



1156 — Em São Felipe. Rio Negro.



1157 — A capela de São Felipe com os antigos sinos de bronze, trazidos pelos seus fundadores espanhóis, antepassados da população atual.



1158 — Os últimos reflexos da luz, antes do crepúsculo; o céu tropical em mil cores no rio Negro, cujo aspecto habitualmente é dum grande espelho, mas, desta vez modificado por qualquer substância oleosa lançada à superfície das águas no pôrto de Marcelino.



1159 — Marabitanas mostra-se em pleno sol, no dia seguinte, com o rio Negro aos seus pés como um espelho perfeito



1160 — Também a pedra de Cucuí, cujo nome é indígena e significa : "caiu do céu", deve ter um grande prazer, se a versão indígena é verdadeira, quanto à sua proveniência...



1161 — Perfil vertical do morro de Cucuí

Foto Dr. B. Rondon.



1162 — Aspecto da povoação de Cucuí, destacamento militar da nossa fronteira com Venezuela.



1163 — Vista da Pedra de Cucuí tomado da povoação do mesmo nome.

Foto Dr. B. Rondon.



1164 — Grupo de índios Coehanos na praia do rio Negro

Foto Dr. B. Rondon.



1165 — Cabeça de uma índia
mestiça, descendente da tribo
Coehano. Rio Negro

Foto Dr. B. Rondon



1166 — Santa Rosa de Amanadona, vista do rio Negro. (Venezuela)



1167 — Santa Rosa de Amanadona é constituída de poucas casas, escola e uma capela.



1168 — A população de Sta. Rosa de Amanadona é composta sòmente de índios da região.



1169 — A escola pública de Santa Rosa de Amanadona, com seus pequenos alunos indígenas.



1170 — São Carlos no rio Negro é uma povoação maior do que Sta. Rosa de Amanadona.
(Venezuela)



1171 — Um trecho do rio Negro, acima de Sta. Rosa de Amanadona

Fotos Charlotte Rosenbaum



1172 — Taracuá, missão salesiana no rio Uaupés, que no dia de nossa chegada em 1938 ofereceu-nos a vista de um quadro esplêndido, de cores vivas e muito movimentado, igual aos cenários em que figuram massas de população, como nas grandes óperas



1173 — A igreja, como também todos os outros edifícios estavam nesta época ainda em construção. todos, a princípio, de madeira, os quais a missão começou de substituir por outros mais sólidos de alvenaria de tijolos



1174. — O hospital nunca teve bastantes abrigos para os muitos doentes de malária e tifo, mas vê-se aqui o comêço da construção, em tijolos, pelos índios, que ao mesmo tempo, durante as instruções no ofício, ampliaram o hospital,



1175 — Oficiais da Inspeção de Fronteiras em visita à Missão Salesiana em Taracua. Rio Uaupés.



1176 — Em Taracuí funcionam as aulas do colégio de profissionais como nas outras Missões salesianas do rio Negro. Ensino de costura.



1177 — Ao lado da Missão Salesiana está instalada a povoação indígena de Taracuí. Rio Uaupés.



1178 — Em Ipanuré, rio Uaupés temos de desembarcar, porque um trecho do rio, em frente da povoação, impede a navegação devido a perigosas corredeiras



1179 — A população de Ipanuré é alarmada pela aproximação de desconhecidos. Curiosos, e outros com a intensão de ganhar dinheiro com o carregamento de bagagem ajuntam-se na beira do rio Uaupés



1180 — Em uma hora vencemos com nossos carregadores indígenas o percurso da varadoura de Ipanuré até Urubuquara



1181 — Os índios e índias carregadores esperam a nossa embarcação em Urubuquara. Interessante foi que eles pediram o pagamento em dinheiro, aceitavam qualquer moeda, mesmo estrangeira, não fazendo diferença entre os metais e aceitando só a moeda de tamanho maior como de valor maior; mas uma vez recebida, queriam a sensação de comprar como os civilizados, trocando logo em seguida o dinheiro contra mercadorias...



1182 — O comércio na bacia amazônica torna o rumo pelos caminhos naturais dos seus rios. Vemos aqui o comerciante branco na canoa com toldo e seus remadores indígenas. Rio Uaupés.



1183 — Pôrto Juquira, povoação indígena. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1184 — Araripirá. Bonita povoação indígena no rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1185 — Jauaretê, importante Missão Salesiana, situada em frente à embocadura do rio Papurí, limite geográfico da nossa fronteira, no rio Uaupés, fundada em 1929 já apresentava em 1938 o aspecto de uma vila com muitas construções de tijolos, madeira e telha.



1186 — Os internatos de Jauaretê apresentam um grande contingente de educandos de ambos os sexos e, tínhamos por isso aí uma das mais solenes e significativas recepções imagináveis



1187 — Missionária salesiana aguardando a nossa chegada com alunas do colégio N. S. Maria Auxiliadora em Jauaretê. Rio Uaupés



1188 — Festa em Jauaretê na Missão Salesiana com assistência da população indígena da região



1189 — Índios, na maioria da tribo Tucano, assistindo as festividades em Jauaretê. Rio Uaupés



1190 — Crianças da população indígena assistindo, com curiosidade, à formatura dos meninos educandos do colégio em Jauaretê, Rio Uaupés.



1191 — Índias Tucano em Jauaretê. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1192 — Os tuxáuas de Jauaretê-Cachoeira convidados para um almoço na Missão Salesiana em Jauaretê.



1193 — "Trocano" do tuxáua Leopoldino Jauaretê, rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1194 — Pequenos “moleques” existem em todo o mundo. Onde apareciam êstes meninos nunca foi longe qualquer acidente perturbando a tranqüilidade



1195 — Marco da fóz do rio Papori-Uaupés

Fotos Charlotte Rosenbaum



1196 — Índios Sucuriu-Tapuia varando uma canoa. Rio Içana.

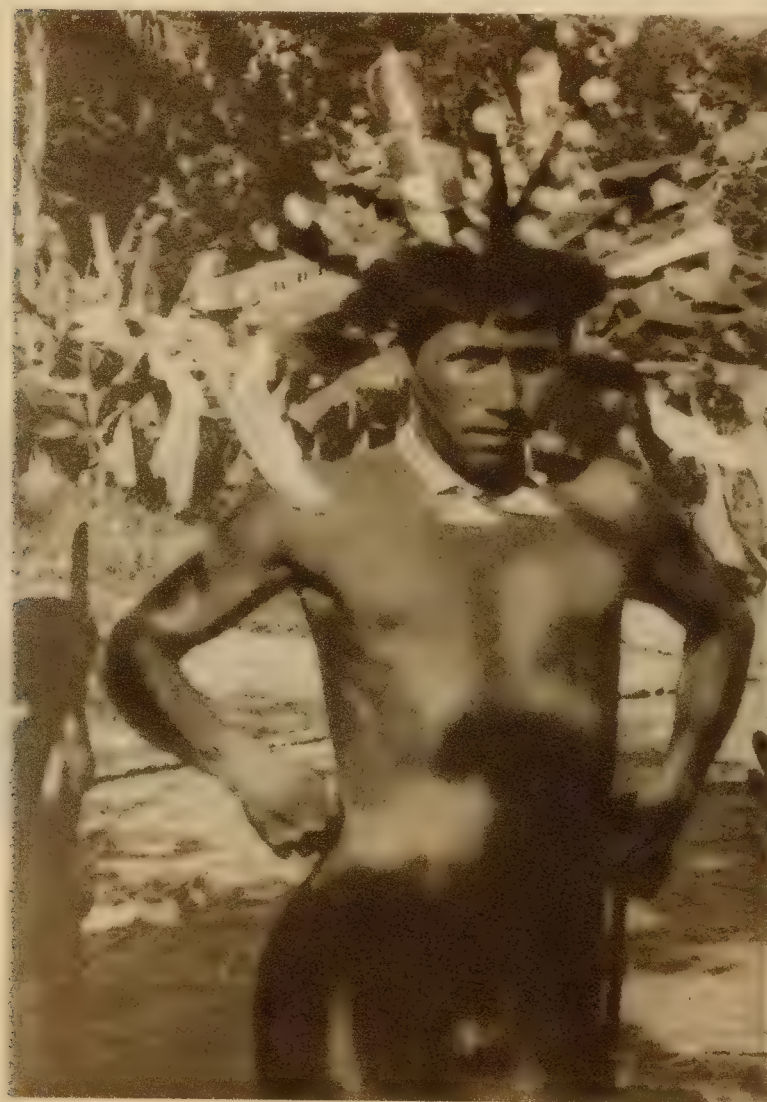


1197 — Tunuí-Cachoeira. Rio Içana.

Che Major L. Thomaz Reis



1198 — Variação de canoa pelos índios Sucuriu-Tapuia, do tuxáua Cândido. Rio Içana.



1199 — Índio do rio Uaupés.

Cine Major Thomaz Reis



1201 — Índio Uanâna do rio Içana, com pintura do corpo para uma festa.

Cine Major L. Thomaz Reis



1200 — Índio Uanâna com um colar feito de moédas de prata, batidas e amoladas até tomarem a forma de um triângulo e a que chamam de *mekula* (borboletas)



1202 — Antes de uma grande festa na aldeia indígena há a azáfama dos preparativos necessários.



1203 — Para a confecção de máscaras usam os Uanâna a entrecasca do Tururi.
(*Curatari legalis* Mart.)



1204 — Uanâna retirando a casca do Tururi, com o auxílio de uma faca.



1205 —

Cine Major L. Thomaz Reis



1206 — e depois de raspada vai ser batida para desprender a entrecasca.



1207 —

Cine Major Thomaz Reis



1208 — Para isso, preparam tocos especiais, operação que demora três a quatro horas.



1209 —

Cine Major Thomaz Reis



1210 — Desprendendo assim a celulose inteiramente em lâminas.



1211 —

Cine Major L. Thomaz Reis



1212 — Os índios ocupam-se então em tornar as peças ainda mais flexíveis, batendo a celulose já obtida.



1213 —

Cine Major L. Thomaz Reis



1214 — E, em seguida, são lavadas no rio, tornando-se assim, limpas e macias.



1215—

Cine Major L. Thomaz Reis



1216 —



1217 — Cenas de lavagem.

Cine Major L. Thomaz Reis



1218 — Cenas de lavagem.



1219 —

Cine Major L. Thomaz Reis



1220 — Índio enxugando o material.

Cine Major L. Thomaz Reis



1221 — Depois de sêca, pronta para receber a pintura.



1222 — Das sementes de Urucum (*Bixa Orellana L.*) preparam uma tinta vermelha, com que ornamentam a entrecasca do Tururi.



1223 — Um índio Uanâna que sabe utilizar-se da régua Cine Major Thomaz Reis

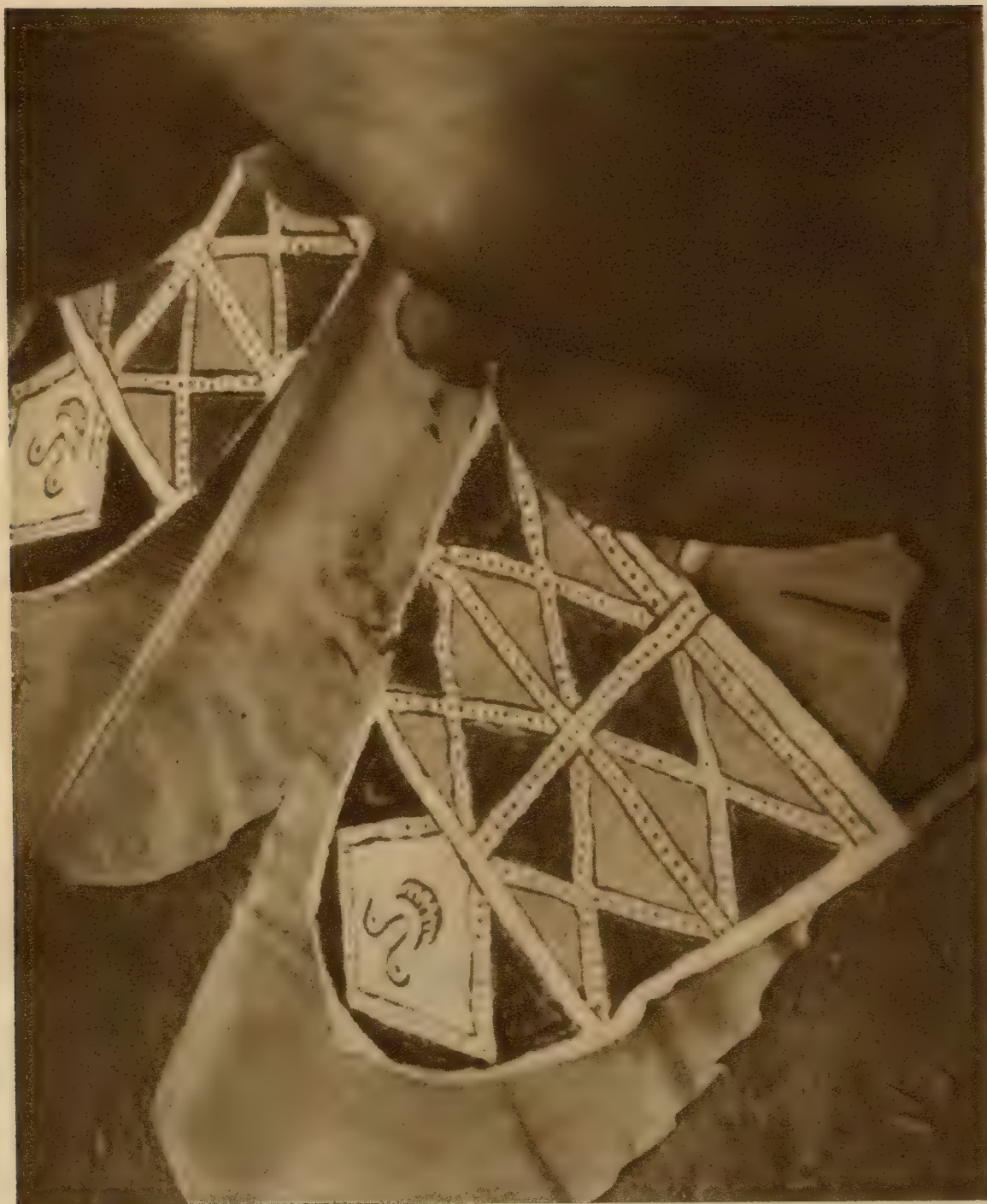


1224 — Pintando.



1225 — Pintando assim, passam muitos dias.

Cine Major Thomaz Reis



1226 — Um modelo está pronto.

Cine Major L. Thomaz Reis



1227 — Usána pintando. Rio Içana.

Cine Major Thomaz Reis.



1228 — Outras máscaras em confecção, Rio Içana.

Cine Major Thomaz Reis.



1229 — Os modelos variam. O que se vê, é um modelo criado pelos índios.



1230 — Da madeira Matá-Matá (*Lecythis coriacea*) extrai-se a casca com que se confeccionam as saias, em forma de tranças.



1231 —

Cine Major Thomaz Reis



1232 — Índio Unána scabendo a sua máscara, pintando com um pedaço de carvão vegetal. Cine Major Thomaz Reis.



1233 --- Na "oficina" indígena de arte aplicada. Rio Icana.

Cine Major Thomaz Reis



1234 — Esta máscara —
representa uma onça-pintada.

1235 — E este modelo
imita uma borboleta.





1236 — Transporte do *cachiri*, bebida fermentada para a festa, feita de milho, mandioca ou frutos da Pupunha — (*Bactris speciosa*)



1237 — A bebida é conservada em potes de barro de uma cerâmica gigante.



1238 — Pilando o caapi, uma espécie de ópio e que é outra bebida, mais parcimoniosamente empregada durante as festas.

1239 — As tubas anunciam as próximas festividades.

Cine Major Thomaz Reis.





1240 — Um aviso pelas trombetas para convocar os índios para a reunião.



1241 —

Cine Major Thomaz Reis



1242 — Os índios mascarados chegam à malóca, para o início dos festejos.



1243 —

Cine Major Thomaz Reis.



1244 — A procissão aparece em cena.



1245 —

Cine Major Thomaz Reis



1246 — Num aparato exótico, eles representam sempre símbolos de animais do mato.



1247 —

Cine Major Thomaz Reis.



1248 — As danças de máscaras são sempre rituais, em homenagem a um ente falecido.



1249 —

Cine Major Thomaz Reis.



1250 — A idéia de expulsar e perseguir espíritos maus da casa do falecido e que se encontram então na aldeia, constitui um grande complexo na alma dos silvícolas, ainda muito supersticiosos, como é natural na sua aculturação fetichista.



1251 —

Cine Major Thomaz Reis.



1252 — Em geral as cerimônias duram enquanto existem bebidas; e só continuam quando estas se renovam, para as festas chamadas: "*Caxiri*".



1253 —

Cine Major Thomaz Reis



1254 — As festas sempre comparecem muitos índios de tribos diferentes e amigas.



1255 — De modo que parece, pertencerem a tribo diferente, e não aos Uanâna, os mascarados que aqui vemos.



1256 — Grande parte das festas realizam-se no interior da malóca, como por exemplo as cerimônias do cachiri.



1257 —

Cine Major Thomaz Reis.



1258 — Dança das máscaras.

1259 — Nêste foto se vê bem a diferença das máscaras com que se ornamentam.



1260 — Para as danças do *Açangatara* usam os chefes Uanâna ornamentos mais pomposos, empunhando a lança e o escudo.

1261 Os chefes Uanâna em traje de grande gala.



1262 — Vêm-se os cilindros de quartzo branco no pescoço, sinal da mais alta dignidade dos chefes supremos. Durante muitos anos trabalham os índios amolando as pedras, até que estas tomem a forma característica que aqui exibem.



1263 — Índios enfeitando-se para a festa. Rio Içana

Cine Major Thomaz Reis.



1264 — Os índios ajudam um ao outro na arte difícil de colocar as penas de modo desejado, para as festividades do *Acangatara*.



1265 —

Fotos Major Thomaz Reis



1266 — Em Lufica, importante povoado dos índios Uanâna, reuniram-se 200 índios da redondeza para os festejos. Os índios de Matapi e Taracuá-Qachoeira, vieram tomar parte nas festas!

Foto: Major Thomaz Reis



1267 — A festa do Acangatara começa.

Cine Major Thomaz Reis.



1268 — Numerosa a assistência, principalmente dos elementos femininos.



1269 — Pequenas flâutas, de diversos sons, são usadas.



1270 — Terminam sempre voltando à palhoça.

Cine Major Thomaz Reis.



1271 — Cenas do Acangatara.

Fotos Major Thomaz Reis.



1272 — Pouco a pouco chegam as índias para tomar parte na dança.



1273 — Cenas do Acangatara.



1274 —

Foto Major Thomaz Reis.



1275 — Acangatare. Rio Içana. Diversas tribos tomam parte nesta dança, entre eles muitos Tucano. Cine Major Thomas Reis.



1276 — Cenas das festas.



1277 —

Cine Major Thomaz Reis.



1278 — As flautas entram em ação.



1279 —

Fotos Major Thomaz Reis.



1280 — As cenas ficam sempre mais movimentadas.

Fotos Major Thomaz Reis.



1281 — Interessante é, que os índios não tomam em consideração os passos menores das suas bailarinas na periferia do círculo que percorrem durante a dança; assim é que, em cada ronda a dificuldade aumenta para as damas acompanharem as largas passadas de seus pares..



1282 — Índios Uanâna. Rio Içana.

Cine Major Thomaz Reis



1283 — Crianças de Sta. Luzia povoação indígena no rio Papuri,

Feitas Charlotte Rosenbaum



1284 — Outro grupo formado de índias e crianças da povoação Sta. Luzia.



1285 — Ao amanhecer, apresenta-se Sta. Teresita na margem esquerda do rio Papurí, (Colômbia) Missão Montfortiana, com seus edifícios de madeira, pintada em branco, vermelho e azul, nas cores nacionais de origem holandesa, como um brinquedo. Aqui são aldeados índios Piratapuío.

Foto Charlotte Rosenbaum



1286 — Canoa com índios atravessando a Jauacacá-Cachoeira no rio Papurí, ao lado direito se vêem inscrições rupestres dos índios.

Foto Charlotte Rosenbaum



1287 — A principal povoação dos índios Piratapuio, São Gabriel no rio Papurí, passa à nossa vista antes de uma tempestade forte, tropical. Últimos raios solares iluminam ainda um curto instante a aldeia, vencendo as nuvens carregadas, tingidas em tôdas as tonalidades côr de chumbo, dando assim uma iluminação fantástica, grandiosa e ameaçadora.

Foto Charlotte Rosenbaum



1288 — Povoação Taracuá, rio Papurí. Os índios, instruídos e influenciados pelas Missões Salesianas, acabavam de imitar uma construção dos civilizados com um segundo andar.



1289 — A flotilha da Inspeção de Fronteiras cruzando em canoas a remo, tripulados por índios Tucano, no rio Papurí, em frente de Cuiú-Cuiú (São Bernardo), lado colombiano, Missão dos Montfortianos e aldeia dos índios Deçano.



1290 — São Paulo, linda povoação com boas casas, orlada de Pupunheiros e de uma população indígena com uma mentalidade avançada, não faltando muito para integrar-se na civilização completa.

Foto Charlotte Rosenbaum



1291 — Montfort, (lado colombiano) no rio Papurí, consiste num colégio missionário e uma aldeia dos índios das tribus Tucano e Deçano : Na povoação, à cada tribu pertence uma fila de casas no lado opôsto da rua.



1292 — Uapixunas ou Anchieta. Rio Papurí, povoado criado pelo Capt. Frederico Rondon, quando em serviço na Comissão de Limites, Setor Oeste.



1293 —

Fotos Charlotte Rosenbaum



1294 — Padre José, missionário salesiano acabando seu relatório na máquina de escrever sob os olhares curiosos dos silvícolas da povoação indígena de Uapixunas, rio Papurí.



1295 — O Pôsto do S. P. I. em Melo Franco no rio Papurí, está situado numa barranca alta.



1296 — Pôsto do S. P. I. Melo Franco em 1938, com seu encarregado Sr. Alcides Castro Rocha e a povoação indígena Melo Franco.



1297 — Povoação indígena de Melo Franco. Rio Papurí. Fronteira Brasil-Colômbia,



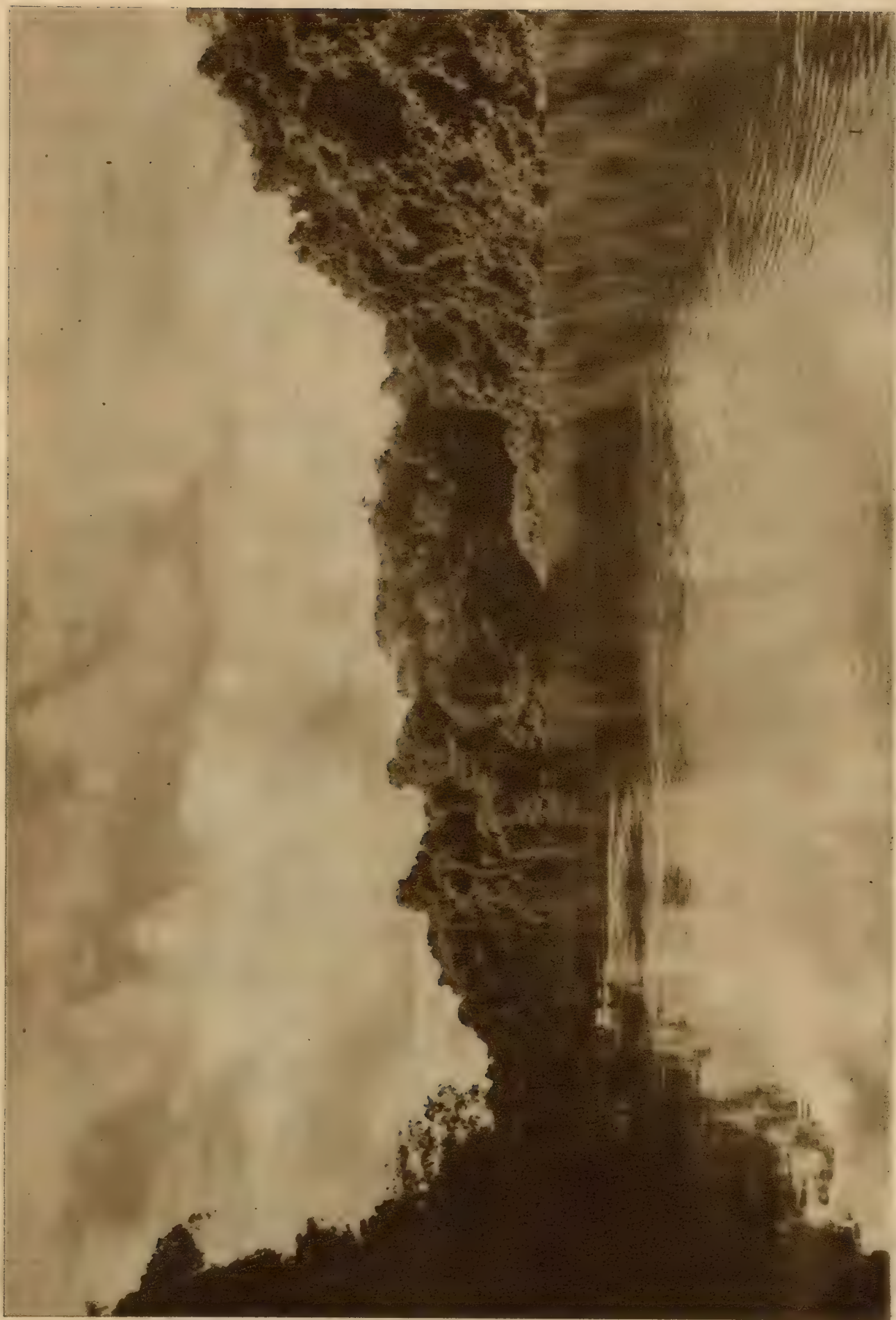
1298 — Marco de Fronteira em Melo Franco, rio Papurí,

Fotos Charlotte Rosenbaum



1299 — O rio Tiquié é também de rara beleza, mas muito diferente do rio Negro.

Para Charles Nambu



1300 — Rio Tiquié.

Foto Charlotte Rosenbaum



1301 — A água do rio Tiquí é avermelhada, de um tom de terra de Siena, clara, tranqüila; o mato rico, de grande escala de tonalidades, em verde, parecendo-se com uma espécie de veludo; só, de vez em quando, passa uma garça branca de vagar, transmitindo em tudo o senso de uma doce melancolia de saudade desconhecida.

Foto Charlotte Rosenbaum



1302 — Uirapoço, povoação indígena no rio Tiquié.

Fotos Charlotte Rosenbaum

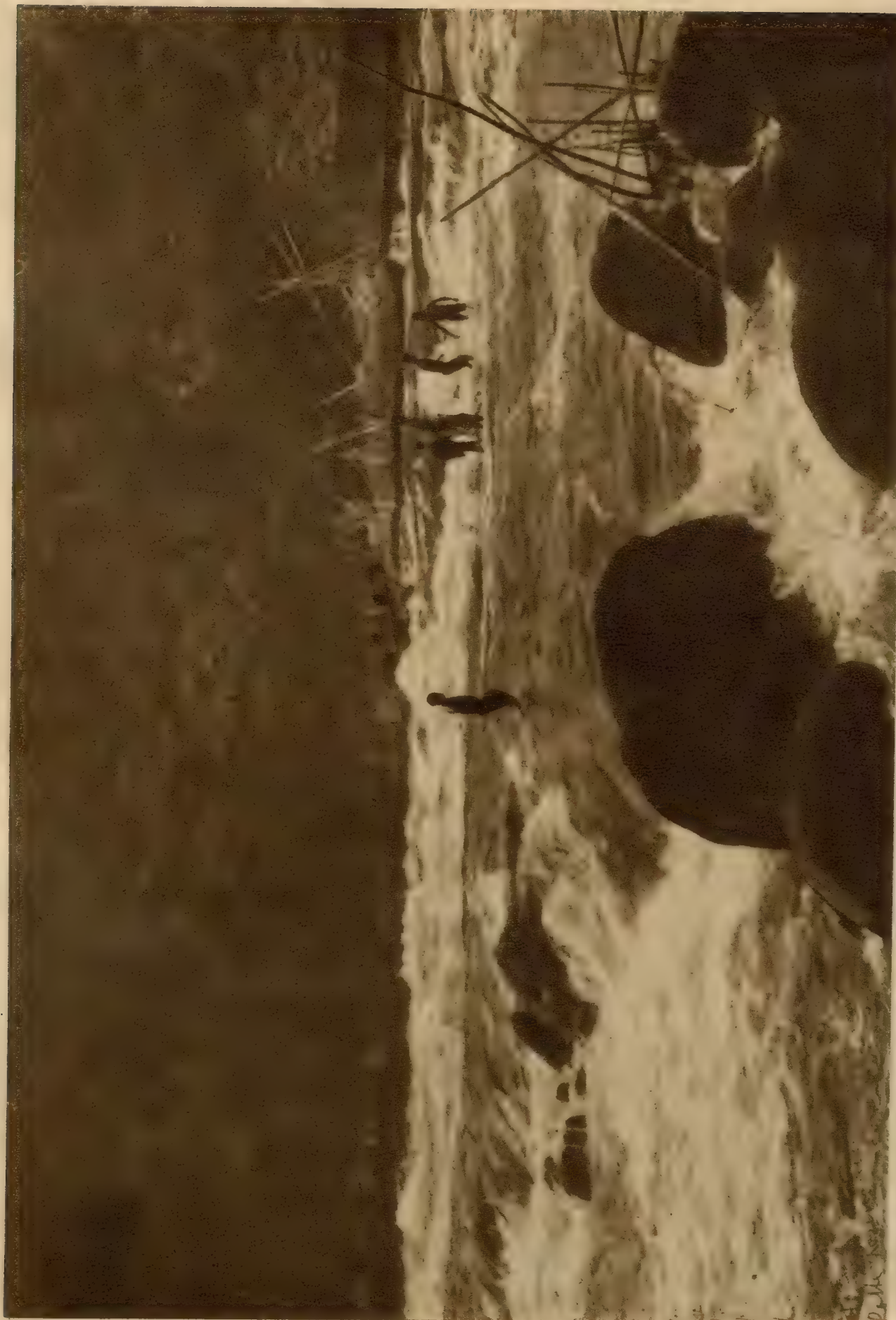


1303 — Os índios de Uirapoço, atraídos pela nossa chegada, andam com grandes passos para o pôrto, orgulhosos, desconfiados ainda. Quando reconheciam entre nós o Padre João Marchesi, seu amigo, voltou-lhes rapidamente a confiança, mas não a completa tranqüilidade. Parecia que queriam perguntar com os olhos: "Porque veio trazer-nos pessoas estranhas para cá?"



1304 — Pari-Cachoeira no rio Tiquié. Os índios aguardando que a Insp. de Fronteiras faça a distribuição de remédios de que necessitam para curar-se de ferimentos diversos, da malária e outras doenças. Mas a população indígena neste lugar é forte e de grande robustez.

Foto Charlotte Rosenbaum



1305 — Rio Tiquié. Na Pari-Cachoeira deixam-se lançar os índios pelas águas por entre os rochedos como se fôsem peixes. Na fotografia se vê também diversos "Cacuri." Armadilhas para pegar peixes



1306, — Carurú-Cachoeira. Rio Tiquié



1307 — Trecho do rio Tiquié.



1308 — Jatuca-Cachoeira. Rio Tiquié.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1309 — Indios atravessando com sua canoa a perigosa Ipoú-Cachoeira, Rio Tiquié.

Foto Charlotte Rosenbaum



1310 — Índios da nossa tripulação de canoas, constituída de diversas tribos, pulando em tila indiana de pedra em pedra: Um quadro empolgante e original, vendo-se as figuras bronzeadas em movimento, com precisão e firmeza atingir o seu alvo, sem hesitar ou errar.



1311 — A bela Ipocú-Cachoeira.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1312 — Índios Tucano remando no rio Tiquié.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1313 — São João, rio Tiquié. A Aldeia dos índios Tuiúca, a dois quilômetros do marco da fronteira com a Colômbia. Os índios ainda primitivos mas pacíficos.

1314 — Marco de Fronteira do Brasil no rio Tiquié. Índios Tuiúca e Tucano interessam-se vivamente pela máquina cinematográfica do Major Reis.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1315 — Os futuros vigias da fronteira brasileira. Rio Tiquié. Em ótimas condições encontramos o marco, que os índios muito apreciam, roçando e limpando os matos que o possam encobrir.



1316 — O tuxáua Tuiúca (lado direito) e seu vizinho e amigo da margem oposta, da mesma tribo, e de igual graduação, assinalada pelos adornos de quartzos no pescôco, igual aos dos chefes Uanána no rio Içana



1317 — E, os filhos. Não é difícil de reconhecer o filho de cada um dos chefes. Deve existir uma influência do sangue tribal diferente entre uma e outra família, talvez pelos casamentos repetidos com diferentes tribos

Foto Charlotte Rosenbaum



1318 — O velho tuxáua Tuiúca de São João no rio Tiquié conservou (1938) ainda um ódio tremendo contra os brancos. Só depois, sob a promessa de nossa parte, de não pedir nem levar quaisquer objetos ou enfeitos da tribo, deu a licença à juventude, que queria dançar, como em todo o mundo aprás à gente nova. Mas, depois, transpareceu todo o seu rancor, preferindo canções de guerra e ódio contra os brancos, (pelos dizeres do rev. Padre João Marchesi, que nos acompanhou e conhece a língua) punindo a juventude com passinhos mais forçados, empunhando e usando o *maracaxá* com verdadeira fúria, quando os jovens começavam a relaxar a disciplina e não tomar a sério o comando do chefe.

1319 — E, o filho, jovem ainda parece ser já muito mais amigo dos civilizados. Hoje, depois 15 anos, quem sabe, com idéias mais amadurecidas talvez entenda melhor o pai, ou seja já civilizado?

Cine Major Thomaz Reis





1320 — Índios Tucano ajudando ao índio Tuiúca a fechar o complicado adorno de delicadas penas de garças.



1321 — Índios Tuiúca, Tucano e Tariano em preparativos de festa em São João, Rio Tiqui



1322 — Danças indígenas em São João. Rio Tiquié.



1323 — Outra dança. Ao som dos carijos, só dançam os músicos.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1324 — Pelo uso de *maracaxas* a dança dos Tuxuca é muito mais disciplinada do que a dos índios Uanâna no rio Içana.





1326 — Eles observam bem a distância e os passos.





1328 - Com as mulheres dançam nas mesmas condições.





1330 — . . . e mesmo, feitos os passos com grande velocidade, ainda dá um aspecto artístico com ritmo e grande beleza, nos gestos que acompanham as danças.





1332 — Os tuxáuas da tribu Tuiúca dançando. As fotografias mostram bem o uso dos maracaxas. Rio Tiquié



1333 — Rio Tiquié Tuxáuas da tribu Tuiúca.

Índios Ticuna



1334 — Índio Ticuna com seu filho. — Rio Solimões.

Foto Dr. B. Rondon.



1335 — Grupo da afamada tribo Ticuna, do rio Solimões, conhecida por sua fabricação de *curare*, com que os índios envenenam suas flechas, substância que, atualmente, nas mãos dos médicos, representa as suas qualidades maravilhosas contra a paralisia infantil segundo recentes publicações e experiências realizadas na América do Norte.

Foto Dr. B. Rondon

1336 — Mas êstes indios não são só bons químicos. A arte, nesta tribo, é bem desenvolvida e original. Vemos aqui uma entrecasca de *Tururi*,... pintada e modificada em uma vistosa indumentária usada em suas danças rituais. Objeto pertencente ao Museu Nacional do Rio de Janeiro.

1337 — Boneca mascarada (Museu Nacional) com vestimenta cerimonial dos índios Ticuna, exposta durante a "Semana do Índio" no Ministério do Trabalho. As cores usadas são diversas, preto-azulada obtida do genipapo; um amarelo, provavelmente de uma raiz, usada também pelos índios do rio Uaupés; e outras mais comuns.



Fotos Charlotte Baumwald

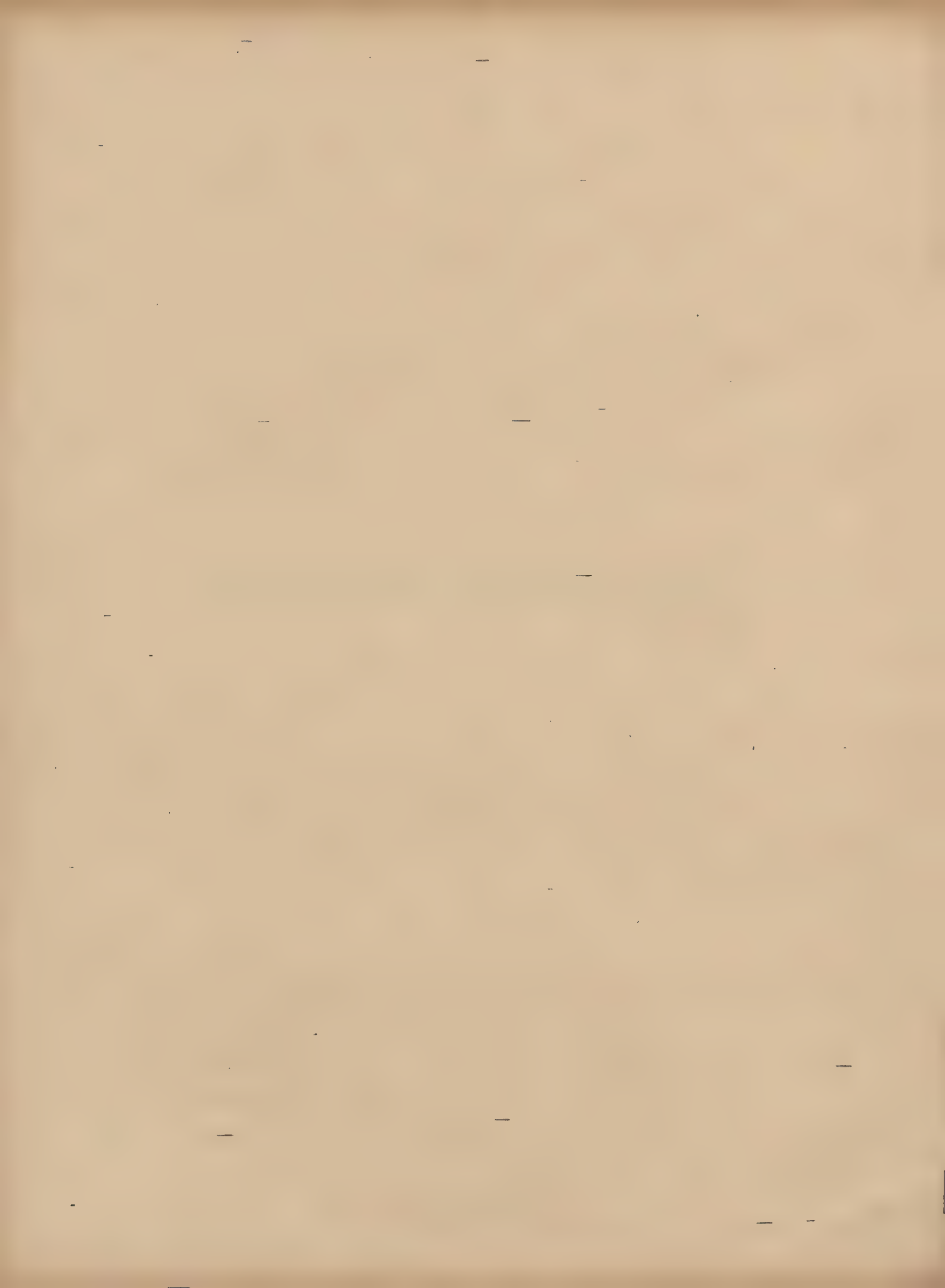


1338 — Uma máscara e esculturas de madeira manufaturadas pelos índios Ticuna, rio Solimões.



1339 — Bastidores de dança dos índios Ticuna. Rio Solimões. (Museu Nacional.)

Índios da Região do Rio Branco





1340 — Vista Alegre. Rio Branco.

Fotos Dr. B. Rondon.



1341 — Vista Alegre, no rio Branco, é o lugar onde faleceu o grande cientista alemão Theodor Koch-Grünberg, vitimado pela malária.



1342 — General Rondon com seus oficiais visitando o túmulo deste grande cientista e amigo dos índios, de que estudou os idiomas e costumes. na região do rio Branco, Roraimã e Rio Negro.



1343 — Cidade de Boa-Vista, no rio Branco.

Fotos Dr. B. Rondon



1344 — Limite de navegação:
Caracarái.

1345 — O rio Branco durante
uma grande enchente.



Foto Dr. B. Rondon.



1346 — Em viagem podem ser vistos os ranchos de seringueiros (*barracas*, segundo a terminologia local)



1347 — e as cerradas matas de *Cecrórias*.



1348 — Vastas regiões marginais, alagadas, onde medram as ramagens de trepadeiras.



1349 —



1350 — Transporte de cachos maduros de palmeiras Assai. A mucilagem dos seus côcos, diluída n'água fornece um excelente refresco alimenticio.



1351 — Outra vista do transporte dos cachos maduros.



1352 — A tartaruga serve de alimento de primeira ordem, nos cardápios do sertão.

Cine Major Thomaz Reis.

1353 — Uma cabeceira de *Buritis*. Rio Branco.



Foto Dr. B. Rondon



1354 — Aspectos do alto-riço Branco, vendo-se a Serra Grande ou Tarumã. Cino Major Thomaz Reis.



1355 — Morro Urubú — São Marcos. Rio Branco.

Foto Dr. B. Rondon.



1356 — Lagoa dos lavradores da Fazenda Nacional de São Marcos. Rio Branco. Fotos Dr. B. Rondon



1357 — Festa da Bandeira, em 19 de novembro de 1927, na Fazenda Nacional de São Marcos.



1358 — Gado crioulo na Fazenda Nacional de São Marcos, rio Branco, onde se cria o gado do Amazonas. —

Foto Dr. B. Rondon



1359 — Haras nos Campos do rio Branco, Fazenda Nacional de São Marcos. Cine Major L. Thomaz Reis



1360 — Cavaleiros com os lindos exemplares dos haras de São Marcos. Fazenda Nacional. Rio Branco.

Cine Major L. Thomaz Reis



1361 — Índios Uapixana do rio Uraricuêra em visita ao General Rondon, na Fazenda Nacional de São Marcos. Rio Branco.

Foto Dr. B. Rondon.



1362 — Fazenda São Marcos. Regresso da expedição ao alto Uraricuéra.



1363 — Índios Uapixana. Maloca do Paulo. Rio Branco.

Fotos Dr. B. Rondon



1364 — Velho casal de índios
Uapixana. Fazenda Nacional
de São Marcos, Rio Branco.

1365 — Distribuição de sal
aos índios Uapixana, no rio
Tacutu.



Fotos Dr. B. Rondon



1366 — Distribuição de brindes aos índios Uapixana. Rio Branco.



1367 — Mulher da tribo Uapixana, com seu filhinho.



1368 — Índios Uapixana do rio Tacutu.

Fotos Comissão Rondon



1369 — Crianças Uapixana. Maloca Terencio, na margem do rio Jacamim, afluente do rio Branco.



1370 — Índios Uapixana. Maloca Tereneio. Rio Jacamim, afl. do rio Branco.



1371 — Meninas Uapixana do rio Branco.

Foto Comissão Rondon

1372 — Índios Uapixana.
Rio Branco.



1373 — Pequena Uapixana
do rio Branco.



Foto Dr. B. Rondon.



1374 — Do lado esquerdo se vê um índio Uaicá e do direito um Carimé. Rio Caratirimani, afl. do rio Branco.

1375 — Índias Carimé.
Rio Caratirimani.

Foto Exp. Carlos Lako e Salathe



- 1376 — Índios Pauchiãna, baixo rio Caratirimani.



1377 — *Maloca* dos índios Carimé. Rio Caratirimani.

Foto Exp. Carlos Lako e Salathe



1378 — *Maloca* dos índios Pauchiana. Baixo rio Caratirimani.

Foto Exp. Carlos Lako e Salathe



1379 — Subida do rio Uraricuéra para as cabeceiras, na Serra Parimã.



1380 — Tte. Joaquim Rondon e índios da tribo Xirianã que auxiliaram a turma, durante os reconhecimento realizados na fronteira Brasil-Venezuela, em outubro e novembro de 1927.



1381 — Jovem índio Xirianã, do rio Uraricaparã. Os Xirianã são de mediana estatura, tendendo para a baixa, porém fortes e saudáveis.

1382 — Tipo de índio Xirianã, rio Uraricaparã, êle, como todos da tribo, é um ótimo canoeiro, resistente e destro no manejo do remo, principalmente na passagem das cachoeiras.



1383 — Índia Xirianã.
Rio Uraricará.



1384 — O govêrno da tribo era
exercido pelo índio mais idoso,
sob o título de *Tuxáua*.



1385 — A turma dos expedicionários com suas canôas e os índios da tripulação, no rio Uraricará.



1386 — Índio Xirianã
Rio Uraricará.

1387 — Índio Xirianã.
Rio Uraricará.

Foto Cel. Joaquim Rondon



1388 — O tuxáua da tribo
Xirianã. Os homens da tribo
usam, como tanga, uma tira
de chita vermelha.

Foto Cel. Joaquim Rondon



1389 — Índio Xirianã. Infelizmente nem um dos retratos mostra que esta tribo usa furar as orelhas e o lábio inferior, para introduzir penas de mutum, a título de adorno.



1390 — Índio Xirianã

Fotos Cel. Joaquim Rondon

1391 — Índio Xirianã.
Rio Uraricará.

Foto Cel. Joaquim Rondon



1392 — Outro Xirianã. Como fato curioso, contou o Cel. Joaquim Rondon que, por ocasião do início dos trabalhos, ao amanhecer, os índios despiam-se completamente e guardavam com muito cuidado as roupas recebidas, nas ubás, até o fim da jornada, quando, então, vestiam-se novamente.

Foto Cel. Joaquim Rondon



1393 — Índio Xirianã, guia do então Tte. Joaquim Rondon, até o alto do Uraricaparã.

Foto José Louro.



1394 — Mãe indígena da tribo Maiongom. Rio Uraricuéra. As mulheres usam uma espécie de tanga de lindo tecido de contas multicores.

Foto José Louro



1395 — Índios Maiongom, viajando no rio Uraricuéra.

Foto José Louro.

1396 — Casa dos índios Maion-
gom. Rio Uraricuéra.

Fotos José Leuro.





1398 — Velha índia Maiongom. Rio Uraricuéra.

Foto José Louro.



1399 — Índio Maiongom. Rio Uraricuéra.

Foto José Louro



1400 — Este indiozinho da tribo Maiongom gostou tanto de qualquer doce, sujando-se o lindo rosto, que, para não perder a oportunidade não restou outra coisa ao fotógrafo, do que a fazer o retrato, assim mesmo.



1401 — Índio Maiongom. Rio Uraricuéra.

Foto José Louro.



1402 — Índia Maiongom.
Rio Uraricuéra.

Fotos José Louro.



1403 — Grupo de índios da tribo Maiongom. Rio Uraricuéra.

1404 — Índia Maiongom.
Rio Uraricuéra.

Fotos José Louro.



1405 — Índio Maiongom.
Rio Uraricuéra.



1406 — Pequenos índios
Maiongom.



1407 — Menino Maiongom.
Rio Uraricuéra.

1408 — Mãe Maiongom.
Rio Uraricuéra.



1409 — Outra índia Maiongom, com seus filhos.



1410 — Índia Maiongom trabalhando com seu engenho *Tipiti* com o qual os índios espremem o líquido da mandioca.

Foto José Louro.



1411 — Grupo de índias
Maiongom, com seus filhos.

1412 — Índia Maiongom, com
crianças. Vê-se bem a bonita
tanga da índia, tecida à mão,
essa pequena peça de roupa
feminina, segundo modelo na
sua tribo.





1413 — Indios "varando" uma canôa no rio Uraricuera.

Cine Major Thomaz Reis.



1414 — Outra foto mostrando a destreza da manobra dos nossos silvícolas. Passagem da cachoeira Arucaimã na subida do rio Uraricuéra.

Foto: Cel. Joaquim Rondon

1415 — General Rondon mostrando um lindo galho de flôres das margens do Uraricuéra.

Foto Dr. B. Rondon.



1416 — Índias Macu. Rio Uraricuéra.

Cine Major Thomas-Gale.



1417 — Voltando da roca. Menino Macu. (Alto-Urariquera)



1418 — Menino Macu do rio Urariquera.

Cine Major Thomaz Reis.



1419 --- India Macu Rio Urucicuera



1420 ---

Cine Major Thomasz Reis

1421 — Índio Macu.
Rio Uraricuéra.



1422 — Menino da tribo Macu.
Rio Uraricuéra.



1423 — *Maloca do tuxáua* Macu. Rio Uraricuéra.



1424 — Um alcapão da saída à fumaça.

Cine Major Thomas Reis.



1425 — Indios Macu. Rio Uraricuéra.

Foto Major Thomaz Reis



1426 — Campos salitrados de Surumu-Cotingo.

Foto Dr. B. Rendon.



1427 — Urnas de barro, escondidas entre grandes pedras, guardavam ossadas humanas seculares.

Foto Dr. B. Rondon



1428 — O monte Maruai, onde foi descoberta a necrópole indígena.

Cine Major Thomaz Reis.



1429 — No massiço granítico foi encontrada uma lapa circular, com mais duas *igacabas* de forma diferente; uma delas cilíndrica, com cobertura em forma de um simples prato fundo.



1430 — A urna do cemitério de índios em tempos remotos, lisa, sem nenhum desenho sôbre as paredes do vaso continha um esqueleto humano.



1431 — O General Rondon mandou recolher as urnas funerárias, levando-as para o Museu Nacional, através das dificuldades que um tal problema envolve.



1432 — Aldeia do Contam dos índios Macuxi, rio Cotingo.

Fotos Dr. D. Rondon.



1433 — Tuxáua Domingos e os seus Macuxi da Aldeia do Contam.

Foto Dr. B. Rondon



1434 -- Dança da Parichara, dos índios Macuxi -- Aldeia do Contam.

Foto Dr. B. Rondon.



1435 — Travessia do Surumu — na Aldeia do Limão.



1436 — Dança da *Perichara*, dos índios *Macuxi*, na Aldeia do Contam, rio Cotingo.



1437 — O General Rondon, Mr. Tate, do Museu Nacional de Nova-York, Major Reis e índios Macuxí, no Limão, rio Surumu.



1438 — Casa do turáua Macuxi, na Aldeia do Limão, rio Surumu.

Fotos Dr. B. Rondon



1439 — A Aldeia do Barro está situada à margem esquerda do rio Surumu e no sopé da Serra do Mel.

Foto Dr. B. Rondon



1440 — Os índios da Aldeia do Barro estão prontos para a partida, esperando sentados sôbre a carga.



1441 — O tuxáua Cipriano, da Aldeia do Barro, prestou relevantes serviços à expedição ; mas ao enfrentar a magestade da muralha do Roroimã, tomado de súbito pela surpresa de tamanho perigo, que as narrativas indígenas diziam existir na subida de tão grande altura, mostrou seu arrependimento e as profundas emoções nessas toscas palavras, dirigidas a seu companheiro David :
 “Eu queria vir ; mas, bem que não queria”.



1442 — Últimos preparativos antes da marcha.

Cine Major Thomaz Reis.



1443 — O comboio era constituído de pedestres, (índios Macuxi) levando a carga às costas.

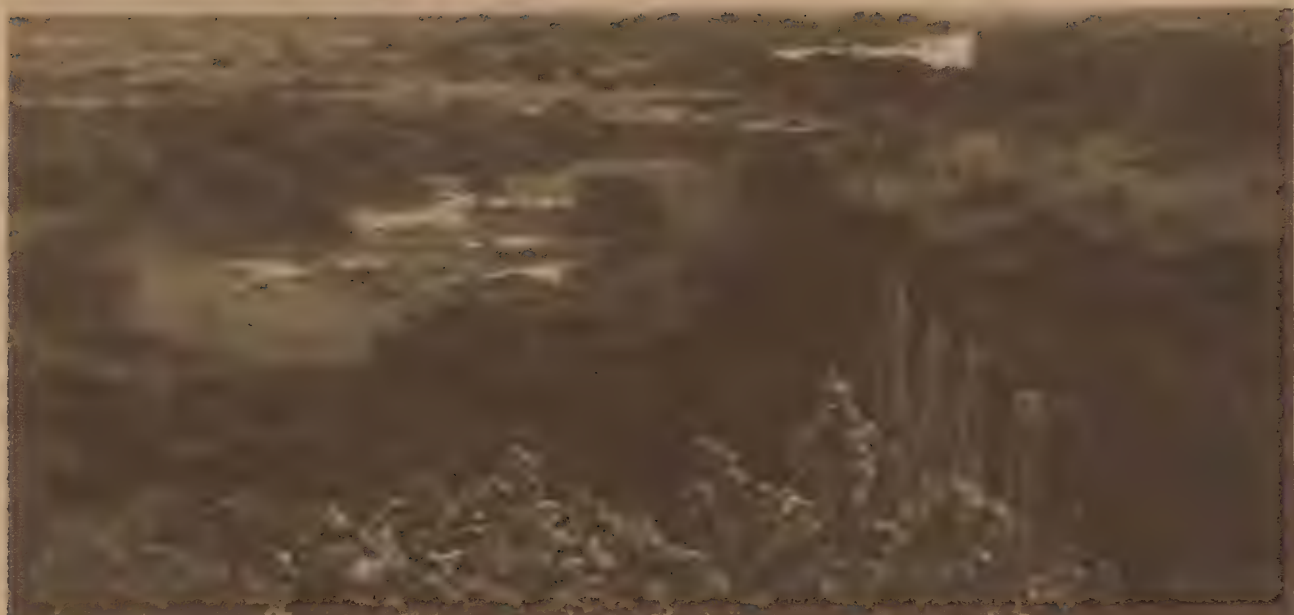


1444 — A expedição sob a chefia do General Rondon foi organizada com 180 índios Macuxí da Aldeia do Barro.



1445 — Lagoa do Sabino, ao pé da serra.

Cine Major Thomaz Reis



1446 — Viagem rio Branco — Pacaraimã ao Roroimã.



1447 — Os ribeirões correm em vales profundos.

Cine Major Thomaz Reis.



1448 — Um afluente cheio, do Mian. Foi improvisada uma pinguela de buriti.



1449 — Desalojando uma sucuri do seu esconderijo.

Cine Major Thomaz Reis.



1450 — Muitos dias de marcha pelas Serranias de Pacaraimã.

Cine Major Thomaz Reis.



1451 — Os pedestres, cansados da longa jornada, desfilavam na forma do costume.



1452 — Subindo a Serra Pacaraimã.

Cine Major Thomaz Reis



1453 — Avoás Moxos. As Xavantes carregadeiras, elas levam as crianças ainda, sentadas cima da carga pesada.



1454 — O Roroimã definia-se ainda mal no horizonte, além do Coquenã.



1455 — Atravessando os campos da Venezuela.

Cine Major Thomaz Reis.



1456 — O bloco Roroimã, visto a 30 quilômetros de distância, ponto de maior altitude conhecido, pertencente a Cordilheira de Pacaraimã.



1457 — Tuxáua Paulo, conversando com outro chefe Taurepã.



Cine Major Thomaz Reis



1458 — A vida na aldeia do
tuxáua André

1459 — O tuxáua Paulo, da
tribo Taurepã, que muito auxi-
liou a escalada do Roraimã

Foto Dr. B. Rondon.



1460 — O General Rondon em visita à aldeia do tuxáua André. Índios Taurepã. Foto Dr. B. Rondon



1461 — Casas dos Taurepã, na aldeia do tuxáua André.

Cine Major Thomáz Reis



1462 — Aldeia de Marcelino,
no sopé da Serra Pacaraimã.

1463 — Acampamento do cór-
rego Uailein. Visita do tuxáua
Taurepã "André".



1464 — Acampamento do córrego Uailein. O General Rondon tomando o *caxiri* tradicional da tribo Taurepã. Os Taurepã deram muitos recursos de alimentação a trôco de outros objetos.



1465 —

Cine Major L. Thomaz Reis



Cine Major Thomaz Reis.



1466 — Habitantes da aldeia do tuxáua Paulo, da tribo Taurepã.

1467 — Tipo de homem Taurepã. Córrego Uailem



Cine Major Thomaz Reis.

1468 — Mulher Taurepã e
seu filhinho.

1469 — Índia Taurepã da
aldeia do tuxáua Paulo, pró-
ximo de Roroimã.



Foto Dr. B. Rondon.



1470 — Vida do acampamento — Córrego Uailein.

, Cine Major Thomaz Reis.



1471 — O acampamento do córrego Uailein foi grandemente aumentado com os Taurepã.



1472 — Os Taurepã e suas mulheres acamparam com a expedição.



1473 —

1474 — Uma das mais valentes
carregadeiras Taupã do
Uailam.



Foto Dr. B. W. W.



1475 — Tipo de casa Taupã.



1476 — Mulheres Taurepã do Uailein.

1477 — Tipo de homem
Taurepã.





1478 — Tipo de menina Taupā.

Foto Dr. B. Haxton



1479 — Moças Teurepã, da Venezuela, em visita a seus parentes Macuxi.

Foto Dr. B. Rondon



1480 — Mulheres Taupã do Uailein.



1481 —

Cine Major L. Thomas Reis



1482 — Mulher Taupã.



1483 — Velho Taupã.

Cine Major L. Thomaz Reis



1484 — Nos altos de marcha, os índios e suas mulheres eram aprovisionados de gêneros necessários à alimentação.



1485 — Com suas cuias esperam a sua vez.

Cine Major L. Thomas Reis

1486 — Índia Taurepã.



Cine Major L. Thomaz Reis



1487 — Índias Taurepã com seus filhinhos que acampavam com a expedição.



1488 — Travessia do Coquenã — base do Roraimã.

Foto Dr. S. Rondon



1489 — Atravessando o rio Coquenã.

Cine Major L. Thomaz Reis

1490 — As cumiadas do Roroimã, sensivelmente horizontais, apenas recortadas pelos agentes erosivos, terminam bruscamente em imponentes muralhas de arenito, assentadas sobre um planalto rochoso de pórfiro, bem descrita por o geólogo Glycon de Paiva que acompanhou a expedição para fins científicos até o cume do Roroimã.

1491 — Serviço astronômico. — A feição geológica do planalto apresenta-se sob a forma dum solo pedregoso, estéril.

Fotos Dr. B. Rendon.





1494 — Pelo desfiladeiro de terra frouxa que vai ter ao cume.

Cine Major Thomaz Reis.



1495 — General Rondon, com os seus 62 anos de idade, vencendo as dificuldades que se opõem à subida do Roroimã.



1496 — Diante do Monte Roroimã. Acampamento. -

Cine Major Thomaz Reis



1497 — Cabeceiras do Rio Cotingo. Roroimã.

Foto Dr. E. Rondon.



1498 — Paredão do Roroimã — visto do acampamento, a 1600 metros de altitude. O Roroimã se levanta do solo numa monumental muralha arenítica de 600 a 800 metros acima do seu pedestal e de diábase, a cerca de 2850 metros sobre o nível do mar.



1499 — A 1800 metros de altitude.

Cine Major L. Thomaz Reis



1500 — Acampamento entre grandes pedras caídas do alto.



1501 — Distribuição de brindes aos índios que acompanham a expedição.



1502 — Cena da distribuição de facas aos índios, no acampamento, Roraimã. — Major Thomaz Reis



1503 — No local do acampamento Clement. Ali se deparam cavernas originaes abertas no granito Roroimã.





1505 — De vez em quando as nuvens como cortinas brancas encobrem a vista.



1506 —



1507 — Um dos dois únicos tipos de arbusto, existentes a 2850 m. de altitude, no ponto culminante do Roroimã. (*Mico*), em língua dos Taurepã.

1508 — General Rondon entre espécimes do reino botânico, a 2000 metros de altitude.

1509 — Típico aspecto botânico-geológico do Roroimã.





1510 — Roroimã a 2700 metros, quase atingindo a cúmiada.

Foto Dr. B. Rondon.



1511 — A porta de entrada do planalto Roroimã.

Foto Dr. B. Rondon



1512 — General Rondon no planalto do Roroimã. Esta chapada dá a impressão de ser empedrada, cheia de lagos, córregos e pântanos. E' porém uma enorme superfície completamente revôlta, coberta de blocos de arenito de grandes dimensões. Foto: Dr. B. Rondon.



1513 — Detalhe geológico do Roroimã a 2850 m de altitude. Blocos de arenito de grandes dimensões e com aspectos dos mais bizarros, elevam-se por toda a parte, em consequência do efeito da erosão secular, simulando, ao longe, monumentos fantásticos, criados por caprichosa imaginação.



1514 — No topo do Roroimã o General Rondon com seus auxiliares indígenas, guias e carregadores numa altitude



2850 m. onde convergem as três fronteiras: Brasil, Guiana Inglesa e Venezuela.

Foto Dr. B. Rondon.



1515 -- Dois de Novembro de 1927. despedida do Roroimã.

Foto Dr. B. Rondon.

ÍNDICE

ÍNDICE

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGÜÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Angaricá	Índios do Brasil	9	Caraíba	Macuxi	Angaricá	Com este nome extinto	—
Antigaricó	„	12				Cuiabodóque	—
Aparai ou Apalai	„	9	Caraíba	Aparai		Serra Tumuc-Humac, Médio Paru e rio Jari.	100 a 104
Arapaço	„	8, 13	Tocana	Subtribo Tocana	Arapaço	Rio Uaupés, afl. do rio Negro e no baixo Papuri.	—
Baniva ou Baniva	„	13	Aruáque	Baniva		Rio Igana e no Codulari, afl. do rio Negro.	—
Bará	„	8, 13	Tocana	Bará		Amacá-Cachoeira, no alto rio Tiquié.	—
Baré	„	14	Aruáque	Baré		Núcleos destes índios em Ma- rituba e Sant'Ana	—

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGÜÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Boiarana	Índios do Brasil	13	Caraíba	Boiarana	Provavelmente assimilados pe- los Cobéua	Médio do rio Caiari.	—
Caianã	•	11	Caraíba	Rangu-Piqui	Caianã	Rio Parumã, front. Guiana- Francesa.	89, 92, 93
Camaracotó	•	9	Caraíba	Macuxi	Camaracotó		—
Carapaná-tapúia	•	8, 13, 15	Tocana	Cobéua	Carapaná-tapúia	Rio Querari, Coduiari, Japu-Cachoeira no alto Papuri e Tiquié superior	—
Carimé	•	—		Carimé		Rio Caratirimani.	261 a 262
Cauá-Tapúia	•	15	Aruáque	Cobéua do Aiari	Cauá-Tapúia	Rio Aiari, afl. do rio Içana.	—
Cobéua	•	8, 12, 13, 14, 15, 16	Tucano	Manonára, Tiua ou Tocandira, Ju- quicê-Tapúia, Carapanã e Corda.		Querari-Coduiari	—
Cochano, Coeuna ou Heênáua	•	8, 13, 15, 16	Tucano	Cobéua do Coduiari	Cochano, Coeuna ou Heênáua	Rio Negro	139
Degana, Paporimara ou Trovão Rapi- cuma	•	8, 13, 16	Tucano	Degana		Baixo Uaupés, Papuri e Tiquié.	209

TRIBOS 1. GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULO	PÁGINAS	GRUPO LINGÜÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Erulú ou Erulú	Índios do Brasil	13	Tucano	Erulú		Pirá-Paraná, afl. do rio Apóris.	—
Gibola - Tapúia ou Yibóya-Tapuya	,	—	Tucano	Gibola-Tapúia		Curso superior do rio Alari, afl. do rio Içana.	—
Guaraivo ou Guaharibo	,	10, 11	Alófilo	Guaraivo		Cab. e alto curso dos rios Caboti e Paduari afl. do rio Negro. Serra Pacaráimã.	—
Heféna ou Coehano	,	15	Tucano	Cobéua do Codulari	Heféna ou Coehano	Codulari, rio Negro.	139
Hoodeni	,	13	Arúaque	Baniva	Hoodeni	Fôz do Alari, alto Içana, afl. do rio Negro.	—
Ipéca ou Ipéca-Tapúio	,	13	Arúaque	Ipéca		Siuci-Cachoeira no alto Içana, afl. do rio Uaupés	—
Jaricuna	,	9, 11, 12	Caraíba	Macuxi	Taurepá ou Iaricuna	Rio Parimé, Maruá e Anejari, afls. do Surumu. Rio Branco.	307 a 323
Macú	,	10, 13	Alófilo	Macú	Procedentes do território Venezuelano, ainda não se pode averiguar se se trata da mesma raça dos seus homólogos do rio Negro.	Rio Uraricúera	284 a 290

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGÜÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Macú	Índios do Brasil	8, 10, 14	Aldófilo	Macú	Macú	Baixo curso do rio Tiquié e m. esq. do rio Japurá, até Rio Negro.	—
Macuxi	„	9, 10, 11	Caraiíba	Macuxi		Rios Surumu, Tacutu, Macú, Córrego, afls. do rio Branco	293 a 300, 305
Manáu	„	14	Aruáque	Assimilados pela população serti-neja do Rio Negro		Rio Negro	—
Matongom	„	8, 9, 10, 11	Caraiíba	Macuxi	Matongom	Rio Uraricuára e rio Meruari.	271 a 283
Merabitena	„	14	Aruáque	Assimilados pela população serti-neja do rio Negro		Rio Negro	—
Micura-tapúia	„	8, 13	Tucano	Cobéua	Micura-tapúia	Rio Papuri, afl. do rio Uaupés	—
Miriti-tapúia	„	13	Tucano	Miriti-tapúia		Baixo rio Tiquié afl. do Uaupés	—
Nhambiquara	Índios do Brasil Vol. I	11	G#	Nhambiquara		Vale do rio Juruena	—
Pelanos ou Palacênôa	Índios do Brasil Vol. III	13	Tucano	Palacênôa		Alto Pirá-Paraná, afl. do rio Tiquié	—
Paráuiana ou Para-vilhano		9, 10, 11, 12	Caraiíba	Macuxi	Paráuiana	Cab. do Anauá, afl. do rio Branco e no Jauaperi, afl. do rio Negro.	291 a 293

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGÜÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Pauchiana ou Pauxiana	Índios do Brasil		Guajiro	Pauxiana		Rio Caratirimani	261, 262
Paucê, Pauxi ou Ca-xinauá	„	25	Caraiíba	Como Pauxi ou Paucê, extinto		Rio Jordão, afl. do rio Tarauaca, rios Cachorro, Jacicuri, afls. do Trombetas	—
Pianocotó	„	8, 11, 12	Caraiíba	Pianocotó		Rio Marapi, alto rio Cuminá, Serra Tumuc-Humac	66 a 81, 96
Piratapulo	„	8, 13	Tucano	Tucano	Piratapulo	Beixo Uaupés, Papuri e Tiquié	206
Quêpikiriúate	Vol. I	11	Tupi	Quêpikiriúate		Cab. Gi-Paraná	Vol. I 134 a 138
Rangu-Piqui	Vol. III	11, 12, 13	Caraiíba	Rangu-Piqui	Rangu-Piqui	Rio Paru, afl. do rio Cuminá, Rio Parumã, front. Guiana Francesa	85 a 95 97, 98
Riã	„	9	Caraiíba	Macuxi	Como Riã extinto		—
Siriano	„	10	Xirianã	Siriano ou Xirianã, segundo Frederico Rondon		No médio e baixo Cuiari, afl. do rio Içana.	263 a 270
Siuci ou Siuci-tapúia	„	13	Aruáque	Baniwa	Siuci	Médio e baixo curso do Aiari afl. do Içana	

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULO	PÁGINAS	GRUPO LINGÜÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Sucuriú-Tapúia	Índios do Brasil	—	Aruáque	Baniva	Sucuriú-tapúia	Tunui e Seringarupita, no rio Içana	155, 156.
Tariana	„	8, 13, 14, 15	Aruáque	Tariana	Submetidos pe- los Tucano	Curso médio do rio Uaupés até o rio Papuri	228
Taurepã, Taulipang ou Jaricuna e Aricuna	„	9, 11, 12	Caráíba	Macuxi	Taurepã	Rio Parimé, Manuá e Anajari, afls. do Surumu, rio Branco.	307 a 323
Ticuna ou Tucuna	„	Aruáque		Ticuna		Rio Igarapé, afluente do Soli- mões	238 a 240
Tiriró	„	8, 11, 12	Caráíba	Rangu-Piqui	Tiriró	Rios Cuminá, Paru, na divisa Guiana Holandesa	86 a 91 94, 95, 97, 98
Tocana ou Tucano	„	8, 13, 14, 15, 16	Tocana	Tocana		Rios Uaupés, Papuri, Jaiaretê — Cachoeira e Tiquié.	151 a 154 207, 209 223, 227/28
Tsoeloa	„	13	Tocana	Tsoeloa		Cabec. do rio Tiquié	—
Tuiúca, Tuyuca-Ta- puia ou Dogapura	„	8, 13, 16	Tocana, que fala sua própria lín- gua.	Tocana	Tuiúca	Rio Tiquié	224 a 234
Uabóí	„	12		Extinta		Rio Trombetas, e Jamundá	25 a 40

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGÜÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Uaica	Índios do Brasil			Uaica		Rio Caratirimani	260
Uanãna	"	9, 12, 13, 15	Tocana	Uanãna		Rio Içana, no médio Uaupés entre Jurupari e Jandi - Ca- choeira	157 a 202
Uapixana	"	8, 10	Uapixana	Uapixana		Rio, Tacutu, Uraricuéra, afl. do rio Branco, Anajari, Parimé e Cauamé.	268 a 259
Uaupé	"	8	Diversos	Denominação genérica dos índios, habitantes do rio Uaupés		Rio Uaupés	—
Uitoto	"	8, 9	Alófilo	Uitoto		Alto Japurá entre Caquerá e Putumãio, fôz do Amacaru.	
Upelma	"	13	Tocana	Tocana	Upelma	Rio Tacutú, Uraricuéra Anaja- ri, Parimé e Cauamé, afls. do rio Branco.	—
Xirianã ou Chiriha- nã	"	8, 13	Xirianã	Xirianã		Rio Uraricapará, afl. do rio Uraricuéra, rio Branco,	263 a 270

ABREVIATURAS:

Afl. afluente.
 Cab. cabeceira.
 m. d. margem direita
 m. e. margem esquerda.

ÍNDICE GEOGRÁFICO

RIOS:	PÁG. TEXTO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Amazonas.....		
Apapóris.....	12	
Branco.....	25	235 a 246
Cachorro.....	25	243 a 247
Caratirimani (índios do).....		260 a 262
Coquenã.....		324
Cotingo.....		290, 293 a 296, 328
Courentine.....	11	
Cuminá.....	11	43 a 51, 56 a 59, 61, 66, 67
Içana.....	11, 12	155 a 202
Jacamim.....		
Jamundá (Cerâmicas).....		25 a 40
Japurá.....	12	
Jari.....		101
Marepi (formador ocidental do Cuminá).....	11	68
Maroni.....	11	
Maú.....	11	
Mereoari ou Meruari.....	11	
Miam.....		303
Negro.....		107 a 111, 115 a 122, 142
Padauari.....		114
Papuri.....		206 a 212
Paru.....		68, 82
Parumã.....	11	
Pirara.....	11	
Querari.....	12	
Solimões.....		
Surumu.....		290, 296
Tacutu.....	11	
Tapanahoni afl. do Maroni.....	11	
Tiquié.....		213 a 223, 243
Trombetas (Cerâmica do).....		25 a 40
Uailein (Córrego).....		314
Uaupés.....	12	148
Ucuricu.....		
Uraricapará.....	11	
Uraricuéra.....	11	263, 284

CACHOEIRAS E CORREDEIRAS:

Rio Cuminá

Do Armazem.....	—	48
Grande (fim da série Paciência).....		66, 67
Do Inferno (queda "Resposta").....		46
Do Jacaré (2.ª da série Paciência).....		59, 60

	PÁG. TEXTO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Paciência	55 a 61,	66, 67, 82, 83
De Quebra Canela		47
Do Resplendor (3.ª da série Paciência)		60, 61
Tarumã (Petroglifos de)		50 a 55
Do Taurino (Corredeiras)		49
Do Tronco		45
Zôada (1.ª da série Paciência)		55, 56, 58
<i>Rio Içana</i>		
Tunuí-Cachoeira		155
<i>Rio Negro</i>		
Camanaú (Corredeiras)		123
Massarabí (Corredeiras)		119
De São Gabriel		124
<i>Rio Papori</i>		
Jauacacá-Cachoeira		205
<i>Rio Tiquié</i>		
Caruru-Cachoeira		219
Ipocú-Cachoeira		222
Jatuca-Cachoeira		220
Pari-Cachoeira (Ponto terminal do percurso em lancha)		217 218
<i>Rio Uaupés</i>		
De Ipanuré (Corredeiras)		146
<i>Rio Uraricuéra</i>		
Arucama		284
SERRAS E MONTES:		
Acarai	11	
Cacuí (monte, rio Negro)		136, 137
Caricuriari, rio Negro		120
Maruaí (monte)		291 a 293
Pacaraimã	11	304 a 305
Pirimã		310
Roromã, (monte da Serra Pacaraimã)		306, 307, 325 a 340
Tamuc-Humac		
CIDADES, VILAS, ALDEIAS E POVOAÇÕES:		
<i>Rio Branco</i>		
Bôa Vista		244
Caracarai (fim da navegação regular)		245
São Marcos (Fazenda Nacional)		251, 252, 254
Visia Alegre		243

Rio Cotingo

Aldeia do Contam.....	293
-----------------------	-----

Rio Negro

Barcelos (Missão Salesiana)	111, 113
São Carlos (Venezuela)	142
Pôrto Ceará	115
Povoação Cucuí (Destacamento militar)	138
São Felipe	134, 135
São Gabriel (Missão Salesiana)	124, 125
Santa Isabel (Pôrto da Firma J. G. Araujo)	116, 117
Pôrto Jerusalem	121
São Joaquim	114
Pôrto Jucapi (Missão Protestante-americana)	121
Manãos	108
Marabitahas	136
Marcelino	135
Moura	114
Santa Rosa da Amanadona (Venezuela)	140, 141

Rio Papuri

Anchieta ou Uapixunas	209
São Bernardo (Cuiú-Cuiú) Venezuela — Missão Montfortiana	207
São Gabriel	206
Mello Franco (Pôsto S. P. I)	211, 212
Montfort (Venezuela, Missão Montfortiana)	209
São Paulo	208
Taracua	207
Santa Terezita (Missão Montfortiana)	204
Uapixunas	209

Rio Surumu

Aldeia do Barro	298
Aldeia do Limão	297

Rio Tiquié

São João	223
Uirapoço	216

Rio Uaupés

Aranipará	149
Ipanurê	146, 147
Jauaretê (Missão Salesiana)	149
Juquirá	148
Taracua (Missão Salesiana)	143
Urubuquara	147

Serra Pacaraimã

Aldeia do Marcelino	310
Aldeia do Tuxáua André	308

ASPECTOS E EPISÓDIOS HISTÓRICOS DO SERTÃO

DIVERSOS

PÁGINAS DAS
GRAVURAS

Acampamento na praia de Tarumã, rio Cuminá.	50 a 51
Descarga de canoas, na Cachoeira Zôada, rio Cuminá.	56
As canoas recebem novo calafeto na Ilha Aluini.	57
Entre os petroglifos indígenas na Cachoeira do Resplendor, igualmente entalhado o: "Venit 1887", devido ao Padre Nicolino, e logo abaixo: "Diniz Avelino, 1925", inscrito pela Expedição Diniz.	60
Pesca de traíras, nos poços da Cachoeira Paciência.	82 a 83
As perigosas corredeiras de Camanaú, Rio Negro.	122 a 123
Desembarque em Ipanuré, rio Uaupés, devido a perigosas corredeiras, que impedem a navegação num trecho do rio.	146
A população de Ipanuré é alarmada pela aproximação de desconhecidos.	146
Varadouro de Ipanuré a Urubuquara.	147
Lutica, importante povoado dos índios Uanâna. Reunião de 200 índios da redondeza, para os festejos.	193
A flotilha da Inspeção de Fronteiras cruzando o rio Papuri.	207
Padre José, acabando seu relatório sob os olhares curiosos dos selvícolas de Uapixunas, Rio Papuri.	210
Os índios de Uirapoço, atraídos pela nossa chegada marcham, a largas passadas, para o pôrto.	216
Índios aguardando que a Inspeção de Fronteiras faça a distribuição de remédios de que necessitam. Pari-Cachoeira.	217
Na Pari-Cachoeira, rio Tiquié, deixam-se arrastar os índios pela forte correnteza das águas, entre os rochedos, como se fossem peixes.	218
Visita do Gen. Rondon e seus oficiais ao túmulo do grande cientista alemão Theodor Koch-Grünberg.	244
Festa da Bandeira na Fazenda Nacional de São Marcos.	251
Regresso da expedição ao alto Uraricuêra. Fazenda Nacional de São Marcos.	254
O monte Maruaí, onde foi descoberta uma necrópole indígena.	291 a 293
Travessia do rio Surumu.	296
Grupo: Gen. Rondon, Mr. Tate do Museu Nacional de New York, Major Reis e índios Macuxi, no Limão, rio Surumu.	297

	PÁGINAS DAS GRAVURAS
DIVERSOS	
Os índios da Aldeia do Barro estão prontos para a partida.	299
Viagem rio Branco – Pacaraimã ao Roroimã.	302 a 340
Os ribeirões correm em vales profundos.	302
Um afluente do Miam, na enchente. Foi improvisada uma pingueta de buriti.	303
Muitos dias de marcha pelas Serranias de Pacaraimã.	304, 305
O Roroimã definia-se ainda mal no horizonte, além do Coquenã.	306
Atravessando os campos da Venezuela.	306
O bloco Roroimã, visto de 30 quilômetros de distância.	307
Lutando com as dificuldades da subida do Roroimã.	326 a 327
Distribuição de brindes aos índios que acompanham a expedição.	331
No topo do Roroimã, o Gen. Rondon com seus auxiliares indígenas.	338, 339
Dois de novembro de 1927, despedida do Roroimã.	340

ÍNDICE DOS TRAÇOS CULTURAIS

	ALIMENTAÇÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
DIVERSOS		
	Agricultura e criação de gado em Barcelos.	113
	Em São Gabriel.	130
	Transporte de cachos maduros de côcos de Assai.	248, 249
	Os jabotís da região dos campos, eram inúmeros	86
	O fruto da palmeira <i>Pupunha</i> é rico em fécula amilácea.	134
	O mais importante quelônio do Amazonas é a <i>tartaruga grande</i> , muito apreciada por sua carne e seus ovos.	248
	O peixe <i>Taira</i> pescado em tamanho e quantidade desconhecidos nos outros rios. Rio Paru.	82, 83
APARAÍ		
	O cacho de bananas, na malóca do Tuxáua Aparaí, mostra que esta tribo conhece o valor alimentício deste fruto.	104
MACU		
	Menino Macu voltando da roça com um cesto cheio de mandioca.	286
MAIONGOM		
	Índia Maiongom trabalhando com seu engenho (<i>Tipiti</i>), usado pelos índios para extraírem o excesso de líquido da massa de mandioca.	282
PIANOCOTÓ		
	Índia Pianocotó preparando mandioca e fazendo beiju.	76, 77
CAIANA		
	Preparação do infuso da <i>Banesteria Caapi</i> , uma bebida entorpecente.	178
	Transporte do <i>Caxiri</i> , bebida alcoólica fabricada pelos índios de milho, mandioca ou de frutos da <i>Pupunheira</i> .	177
CAPIXANA		
	Na alimentação desta tribo entram as piperáceas na variedade de <i>malagueta</i> , <i>chumbinho</i> e <i>póca</i> .	

ARTES E OFÍCIOS INDÍGENAS

CERÂMICA

DIVERSOS

PAGINAS

Urnas do cemitério de índios em tempos remotos, encontradas no Monte Maruaí.

291 a 293

UABOÍ

Uma cerâmica com decoração estelar.	25
Adornos de vasos. Sta. Maria, rio Trombetas.	26, 27
Fragmento de vaso com ornamento na originalidade da cruz dos Uaboí. Coqueiros. Lago Sapucuá.	27
Figuras grotescas.	28 a 30, 36
Cabeça de uma ave de rapina.	31
Batráquio.	31
Escultura da Lua.	32
Símbolo da raposa como representação do deus Foo.	32
Ídolo fálico. Ilha de São João.	33
Cachimbo zoomorfo. Ilha de São João.	34
Ídolo e cachimbo.	34
Chocalho para crianças.	35
Ídolos moldados em cachimbos. Ilha de São João.	35
<i>Muirakitans</i> ou <i>Paurakitans</i> .	36
Urna cinerária. Ilha de São João.	37 a 39
Fragmento de vaso, procedente do rio Trombetas.	40
Cerâmica de outra procedência e de uma matéria prima estranha aos Uaboí.	40

UANÂNÁ

Cerâmica gigante usada para o Caapi.	77
--------------------------------------	----

ESCULTURAS DE MADEIRA

TICUNA

Máscara e escultura de madeira.	240
Bastidores de dança esculpidos	240

UANÂNÁ

Bastidores de dança esculpidos.	189, 190
---------------------------------	----------

INSTRUMENTOS DE MÚSICA

TARIANA TUCANO	PÁGINAS
Cariços, flautas de pan.	199, 200, 201
TUIÚCA	
Maracaxá, chocalho dos Tuiúca.	234
UANÂNA	
Grande tubo de flauta dos Uanâna	179

PETROGLIFOS OU ITACOATIRAS

DE ORIGEM INDECISA	
Petroglifos de Tarumã. Rio Cuminá.	50 a 55
Petroglifo encontrado na Cachoeira Zôada.	55
Petroglifo encontrado na Cachoeira Jacaré	60
Petroglifo encontrado na Cachoeira do Resplendor.	60
Petroglifo encontrado na Jauacacá-Cachoeira rio Papuri.	205

PINTURAS E CONFECÇÃO DE MÁSCARAS

PIANOCOTÓ	
Índia enfeitando o beiju com um desenho. Rio Paru.	77
TICUNA	
Vestimentas de dança pintadas. Rio Solimões.	239
Máscaras	240
TIRIÓ	
Enfeite de braço, com pintura. Rio Paru.	94
TUCANO	
Tucano pintado do tuxáua Leopoldino em Jauaretê-Cachoeira. Rio Uaupés.	153
TUIÚCA	
Tangas pintadas com <i>Urucum</i> , sobre a entrecasca do <i>Tururi</i> , afim de serem usadas em danças.	225

UANÂNÁ

PÁGINAS

Pintura das máscaras.	168 a 176
Máscara representanda uma onça.	183
Máscara representando uma borboleta.	176
Mascaradas, vistas de costas com linda pintura nas vestimentas.	181, 182, 187
Idem de frente.	182
Máscaras de tribo diferente.	172, 186

ASTRONOMIA

ÍNDIOS DO RIO
NEGRO

PÁGINAS

Astronomia dos índios.	19 a 22
------------------------	---------

CRENÇAS, RELIGIÕES E RITUAIS

APARAÍ

Dança não cerimonial.	102
-----------------------	-----

MACUXI

Dança da <i>Parichara</i> dos índios Macuxi. Festa de alegria.	295
--	-----

TUIÚCA

Danças de <i>Acangatara</i> dos Tuiúca. (As fotos mostram danças alegres em homenagem a nossa presença, mas também, sem dúvida com leve colorido de guerra)	229 a 234
---	-----------

UABOÍ

As figuras grotescas de cerâmica dos Uaboí representam provavelmente: Bochica, Icadança, Chaquem e Formagata: os gênios do mal.	28 a 30, 36
Cabeça de uma ave de rapina, animal sagrado.	31
Batráquio. (Totem): outra figura sagrada.	31
Interpretação provável do deus Foo, símbolo da raposa.	32
Figura que parece ser concernente à astrolatria. Escultura da <i>Lua</i> (Chia) esposa do <i>Sol</i> (Sua).	32
Ídolo fálico.	33

UABOÍ

Ídolos	34 a 35
Amuletos	36
Urna cinerária	37 a 39

UANÂNÁ

Dança dos máscarados.	180 a 185
Dança de Acangatara.	189 a 202
As festas de máscaras são sempre rituais, em homenagem a um ente falecido.	179 a 188
Um aviso pelas trombetas.	179
A perseguição de espíritos máus.	184
Dança de Acangatara com que festejam acontecimentos alegres.	189 a 201

APARAÍ

Dança dos índios Aparaí.	102
--------------------------	-----

DIVERSAS

As urnas do cemitério de índios em tempos remotos. (Provavelmente dos Parãuiana que tinham por costume colocar os seus mortos dentro de grandes urnas, como afirmou ao Gen. Rondon um tuxáua dos índios Macuxi.	291 a 293
---	-----------

A INFLUÊNCIA DA CIVILIZAÇÃO E A REAÇÃO DO ÍNDIO

APARAÍ	PÁGINAS
Pelo uso de panos recebidos dos expedicionários, aparecem os índios Aparaí, como se eles se encontrassem num estado de decadência avançada.	102
Os Aparaí e a música de um gramofone.	102
 CAIANÃ	
O curioso episódio ocorrido entre o General Rondon e o "Coronel" Uaianã, índio do rio Parumã.	11, 92
 COEHANO	
Grupo de índios Coehano na praia do rio Negro.	139
 MACUXI	
Os relevantes serviços dos Macuxi, prestados à Expedição do Gen. Rondon na escalada do Roroimã.	209 a 305
 ÍNDIOS DO RIO NEGRO	
Missão Salesiana. Barcelos, rio Negro.	111 a 113
Um pescador com seu filho.	115
Missão Salesiana em São Gabriel, rio Negro.	126 a 133
Aulas de costura.	128
Exercício militar dos internados.	129
Escola e instrução agrícola.	130 a 131
Refeitório da Missão Salesiana.	132
Na olaria da Missão aprendem os jovens índios a fabricar tijolos, telhas e manilhas.	133
 ÍNDIOS DO RIO PAPURÍ	
Índios instruídos e influenciados pelas Missões Salesianas, acabavam de imitar uma construção dos civilizados, com um segundo andar na povoação de Tara-cuá, rio Papori.	207

	PÁGINAS
A linda povoação São Paulo, comprova o estado avançado de cultura da sua população indígena.	208
Montfort, colégio dos missionários montfortianos.	209
Uapixunas ou Anchieta, rio Papuri, povoação criada pelo Capitão Frêderico Rondon, quando em serviço na Comissão de Limites. Setor Oeste.	209
Padre José e sua máquina de escrever, atraindo os silvícolas em Uapixunas.	210
O Pôsto Mello Franco, do S. P. I. no rio Papuri.	211, 212
TAUREPÃ	
Os serviços prestados na subida do Roroimã, pelos índios Taurepã.	307 a 316 322, 323, 331
ÍNDIOS DO RIO TIQUIÉ	
A reação dos índios de Uirapoço, atraídos pela nossa chegada.	216
Distribuição de remédios pela Insp. de Fronteiras em Pari-Cachoeira, rio Tiquié.	217
Índios Tuiúca e Tucano interessam-se vivamente pela máquina cinematográfica do Major Reis.	224
Os futuros vigias da fronteira brasileira e o sinal visível do senso patriótico.	224
TIRIÓ	
General Rondon entre os índios Tirió e Caianã do grupo Rangu-Piqui.	89
Major Luiz Thomaz Reis, entabulando uma conversa com os índios Tirió, Rio Paru.	89
TUIÚCA	
O velho tuxáua Tuiúca de São João e suas atitudes em relação aos civilizados.	226
E seu filho, jovem ainda, em 1938.	226
UANÂNA	
Índios do alto Uaupés, transformando moedas de prata em jóias.	157
Uso de uma faca.	159

ÍNDIOS DO RIO UAUPÉS

PÁGINAS

Missão Salesiana Taracua, no rio Uaupés. 143 a 145

A população de Ipanuré é alarmada pela nossa aproximação. Curiosos, e outros com a intenção de ganhar dinheiro, alinham-se na beira do rio Uaupés. 146

Carregadores indígenas, nosso pagamento e a reação dos índios. 147

O comércio na bacia amazônica: o comerciante branco e seus remadores indígenas. Rio Uaupés. 148

Jauaretê. Missão Salesiana. 149 a 154

Os tuxáuas de Jauaretê-Cachoeira, convidados para um almoço na Missão Salesiana. 153

XIRIANÃ

Índios Xirianã, seu curioso uso de roupas dos civilizados, contado por Cel. Joaquim Rondon.

GLOSSÁRIO: FAUNA, FLORA E DIVERSOS

ANINGA	PÁGINAS
Planta paludícola (<i>Montrichardia arborescens</i> Schott). Fam. Araceae.	84
ANONÁCEA	
A família das Anonáceas, goza de grande estima, por causa das árvores frutíferas que contém	64
ASSAÍ	
Palmeira (<i>Euterpe oleracea</i>) e as nossas "Jussaras" (<i>Euterpe edulis</i>) às vezes assim designadas.	248, 249
BALATA	
Árvore gigantesca (<i>Mimusops Balata</i>) de grande importância econômica, cujo latex fornece a "balata" do comércio.	62
BURITI	
Palmeira (<i>Mauritia vinifera</i> Mart.)	249
CAÁPI	
Bebida, parcimoniosamente empregada durante as festas, preparada por infusão da <i>Banesteria Caápi</i> , planta sarmentosa, que possui um alcalóide entorpecente: a "banesterina", que produz embriaguês semelhantes à do ópio e à do cactus Peiotl, tido pelos índios norte-americanos como planta sagrada. O <i>Caápi</i> é servido em pequenas cuias como chécaras e não é aceito por todos os índios.	178
CACTÁCEAS	
A flora apresentava novos aspectos no rio Paru.	85
CANARAI	
Palmeira, também chamada <i>Buritirana</i> (<i>Mauritia aculeata</i>).	110
CASTANHA DO PARA	
Castanheiros em serviço no Tronco. Rio Cuminá. Semente da árvore (<i>Bertholletia excelsa</i>) — que tem grande valor comercial no mundo inteiro — de forma triangular, comestível, conhecida no comércio internacional sob o nome "Nozes do Pará" e Paranut.	44, 118

CAXIRI	PÁGINAS
Bebida alcoólica fabricada pelos índios, de milho, mandioca ou de frutos da "Pupunheira".	177
CECRÓPIA	
Conhecida como <i>Imbaúba</i> . Fam. das Moraceas.	246
GENIPAPO	
Árvore, Rubiácea (<i>Genipa americana</i> L), cujo fruto os índios usam na alimentação e para a pintura do corpo com uma côr preto-azulado.	117
INAJÁ	
Palmeira (<i>Maximiliana regia</i>). Os frutos desta palmeira servem na defumação do "latex" da <i>Hevea</i> .	117
JABOTI	
Quelônio (<i>Testudo tabulata</i>).	86
JAUARI	
Palmeira (<i>Astrocaryum-acaule</i>) do rio Negro.	110
JENIPARANA	
Árvore (<i>Gustavia pterocarpa</i> Poit), cujos frutos são comestíveis.	65
MALOCA	
Taba selvícola.	
MATA-MATÁ	
Da madeira Mata-Matá extrai-se a casca com que se confeccionam as sáias em forma de franjas, para suas máscaras. Região do rio Negro.	173
MICO	
Um dos dois únicos tipos de arbusto, existentes a 2.850 metros de altitude, no ponto culminante do Roroimã.	334
MUIRAQUITÃ	
Delicada escultura em nefrite ou jadeíte, que constitui amuleto de alto valor estimativo, venerado pelos índios.	

PENTE DE MACACO	PÁGINAS
Planta trepadeira com flores escarlates. (<i>Combretum</i> , sp.). Fam. das "Combretaceas"	64
PIAÇABA	
Palmeira. (<i>Leopoldina piassava</i>), do rio Negro, cujos peciolo das inflorescências constituem a piaçaba do Pará, que é muito macia e flexível, ao contrário da piaçaba (<i>Attalea funifera</i>), da Bahia.	118
PITEIRA	
(<i>Fourcroyas</i>). As "piteiras", distinguem-se das Agaves, pelo engrossamento da base dos filamentos estaminais, que são mais curtos que os lóbulos perigonais. (João Decker, Flora Brasileira).	85
PUPUNHA	
Palmeira (<i>Bactris speciosa</i>). está sendo cultivada pelos índios do Amazonas. Ela se distingue por um estipe alto, mas muito fino e espinhoso. O fruto é rico em fécula amilácea.	134
QUATI	
(<i>Nasua socialis</i>). Seu pêlo é ruivo acinzentado, nutre-se de larvas e de frutas; domestica-se com facilidade e é um animal muito divertido e amigo de brincar.	69
SERINGUEIRA	
Árvore. Existem muitas variedades das (<i>Heveas</i>). A espécie mais notável, porém, é a <i>Hevea brasiliensis</i> , cujo latex fornece a melhor borracha, superando em qualidade as de qualquer outra proveniência, mesmo das mais afamadas plantações estrangeiras.	
SERRADOR	
Um coleóptero interessante, cortador de galhos, ornado nas asas com um desenho tão pitoresco, que parece a própria natureza queria criar um modelo para os nossos selvícolas	65
SÍMIO	
Macacos com cara nua e curta e diversos outros sinais, como orelhas despidas de pêlos e redondas, unhas chatas, etc.	69
SUCURI	
Espécie de cobra grande, que atinge até 15 metros de comprimento. (<i>Eunectes murinus</i> .)	303
SUMARÉ	
Orquídea (<i>Cyrtopodium</i>). Diversas espécies, são orquídeas terrestres, de crescimento cespitoso e formam grandes touceiras de pseudo-bulbos. (João Decker, Flora Brasileira).	85

TANGA		PÁGINAS
	Envoltório, com que os índios velam o corpo, desde o ventre até as coxas.	225
TARTARUGA		
	Provavelmente será a (<i>Podocnemis expansa</i>), a "iurará-açú", dos índios, na língua geral e que atinge 80 cm. de comprimento no adulto. É o mais importante dos quelônios do Amazonas, muito apreciado por sua carne e seus ovos. (Tte. Coronel Frederico Rondon).	248
TIPITI		
	É um cilindro feito de talas, elástico, em que se mete a massa de mandioca para espremer e retirar assim o líquido, deixando-a apenas húmida, para a fabricação da farinha.	282
TRAIRA		
	Peixe. (<i>Macrodon traira</i>).	83
TUCUMÃ		
	Palmeira. (<i>Astrocaryum Tucuma</i>), cujas fibras, muito resistentes, são utilizadas para tecelagem de rêdes, cordas, etc.	82,83
TURURI		
	Árvore. A mesma do Jequitibá (<i>Curatari legalis</i>). Os índios da bacia amazônica usam a entrecasca para a confecção das máscaras.	158
TUXÁUA		
	Chefe indígena. Cacique.	
URUCUM		
	Substância tintorial, extraída de uma polpa avermelhada, que reveste as sementes do arbusto: <i>Bixa Orellana</i> .	168

VOCABULÁRIO DAS PALAVRAS INDÍGENAS USADAS.

		Páginas
ACÁ	Chifre.	14
ACANGATARÁ	Cocar, espécie de corôa de penas de cores vistosas, usado nas festas e danças de mesmo nome. Significa: Acanga=cabeça, chefe, também origem e começo e tará=enfeite.	189 a 202 229 a 234
ACARAÍ	Nome de uma serra. O nome significa: Garça branca.	11
ARARAPARI	Nome de uma aldeia indígena. Significa Arara pary: "As três Marias" denominação popular para as estrêlas que formam o cinto do Orion.	
CAÁPI	Espécie de bebida entorpecente dos índios.	178
CACURÍ	Armadilha para pegar peixe.	218
CARACARAÍ	Cidade no rio Branco, fim da navegação regular. O nome significa: Gavião de uma espécie, que vive em pequenos bandos nas margens dos rios, preferindo os lugares encachoeirados.	245
CARIMÉ	Tribo indígena. O mesmo nome se encontra numa bebida, feita de água fria, misturada com farinha de mandioca, em que foi exprimido um fruto ou ovos crus de carajá ou tartaruga.	260 a 261
CARURÚ-CACHOEIRA.	A palavra é uma corrupção de Carirú pelo fato que, a planta aquática comestível, colhido pelos índios e da qual extraem o seu sal, cresce nesta cachoeira em grande quantidade. A planta Carurú dos civilizados não é idêntica àquela.	219
CAXIRI	Bebida fermentada dos índios.	

<i>CÊ</i>	Possesivo e inseparável do nome, reforçando a idéia da posse.	177
<i>CEUCY</i>	Plêiades	
<i>CEUCY-PERERA</i>	Perera (Fim de ceucy) O inverno.	
<i>CUCUÍ</i>	Monte no rio Negro. Segundo E. Stradelli, no seu vocabulário da língua nheêngatú significa Cucúi ruído, desmoronado, desprendido, assim que se deixa justificar a interpretação "caiu do céu" o que nos foi dado em Jauaretê. Não sabemos entretanto, se esta significação é verdadeiramente indígena. Mas, como o monte nesta paragem é a única elevação e pela lógica, o que cai, deve vir de um ponto mais alto, pode passar a significação por belo exemplo de expressão nítida numa palavra só.	136 a 138
<i>CUNHÃ</i>	Mulher.	
<i>CURICURIARÍ</i>	Serra no rio Negro.	120
<i>JANDÚ-CACHOEIRA</i>	Jandú = Aranha.	
<i>JATUCA-CACHOEIRA</i>	Significa: Cachoeira curta, breve.	220
<i>JAUARI</i>	Palmeira de espique muito espinhoso.	110
<i>IGAÇABA</i>	Urna.	
<i>IPOCU-CACHOEIRA</i>	Cachoeira, vagarosa. De I = prefixo, tornando o adjetivo "pocú" como substantivo.	221 a 222

		Páginas
ITA	Pedra, rocha	14
ITACOATIARA	Ita = pedra, coatiara = desenhado, esculpido. (Petroglifo.)	52
IUARAUÁ	Peixe boi.	
IUQUICÊ	Enchente. Yukice = líquido, que entra ou sai de alguma coisa.	
IUQUIRA	Iukyra = sal	
IURA	Jiráu	148
IURUPARI	O demônio mau, e uma flauta sagrada. Iuru = boca, pari = tapagem.	
IUTICA	Derrubar.	
MANIACA	Saída da mandioca.	
MANIUA	Mandioca.	14
MARACAXÃ	Chocalho na língua Tuiúca. Maracá em Nheêngatú.	230 a 234
MARIPÃ	Aldeia dos Pianocotó, significa: morcego.	70
MARUAÍ	Monte no rio Branco.	291a293

MATAMATÁ	Árvore ou cipó enorme fornecendo uma fita espessa de 4 a 6 dedos de largura usado pelos índios na confecção de saias para as máscaras.	173
MOCAENTÁUA	Armação feita para moquear. Constelação que compreende parte de Sirius e Orion.	
OCOIMÃ	Aldeia dos índios Tirió.	87
PACARÁIMÃ	Serra com este nome.	
PARÂUIANA	Nome de tribo indígena. O nome significa na língua Macuxi; corredor, veloz.	
PARY - CACHOEIRA.	Pary = gradeado, de fasquias de madeira, amarrado de cipó, com que os índios barram a boca dos lagos ou dos igarapés para impedir a saída dos peixes, ou com que constroem os curraes e cacuris. (Tapagem)	
PARICHARA	Festa nacional dos Macuxi; regada de caxiri, bebida clássica de todos os índios. Dentro de uma hora, quanto durou a cerimônia, víamos já muitos índios em grande alegria a fazer apologia da Expedição que lhe viera trazer a segurança da proteção do Governo Grande, de quem esperam receber roupa para cobrir a rudez das suas mulheres e filhos. Relatório do Gen. Rondon, de 1927.	295
PIRÁ	Peixe.	
PIRERA	Resto, casco.	
PORANGA	Bem (bom, bonito.)	





AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail: acervodigitalsec@gmail.com

